

UNQUIET



LADAKH · BERLIM · YELLOWSTONE · ZIMBÁBUE

A LIBERDADE É 4X4

Dirija rumo ao fim de semana.

E comece a curtir-lo, antes mesmo de chegar ao destino.

Busque a liberdade, a conexão com suas paixões.

E não importa quão longe seja, caso canse, você sempre pode contar com um piloto automático adaptativo. Se a estrada começar no asfalto e terminar na água, relaxe, a tração 4x4 te garante estabilidade.

Viva o desconhecido, as novas paisagens e experiências. O Head up Display está aí para você não precisar tirar os olhos do que realmente importa.

E se, por acaso, sem querer, sair do caminho, o alerta de saída de faixa é acionado.

Mas uma coisa eu peço, quando chegar lá, comece tudo de novo.

Suas paixões sempre serão um bom motivo para ter replay.



4  4
É MITSUBISHI

Tech & Soul

www.eclipsecross.com.br


MITSUBISHI
MOTORS



Locais Seguros do C6 Bank Investimentos e Pix protegidos fora de casa

O C6 Bank tem inovações exclusivas para proteger a sua conta.

Conheça todas as tecnologias em c6bank.com.br/seguranca



C6BANK 

Sumário

- 016 **360°** – Novos destinos e clássicos reinventados
- 038 **Check-in** – Conforto e responsabilidade sustentável para o viajante
- 044 **48 Horas** – Os endereços mais *cool* da Rive Gauche em Paris
- 046 **Festivais** – A hora e a vez das vozes femininas no Rock The Mountain
- 050 **Sustentabilidade** – Um barco-museu que leva arte pelo Rio São Francisco
- 052 **Biblioteca** – Por dentro da alma de um autor que nos faz viajar pelo mundo
- 056 **Brasil** – Ilha do Ferro: beleza nativa e arte original no sertão de Alagoas
- 066 **Cultura** – Uma jornada transcendental na misteriosa e mágica Ladakh
- 078 **Arte** – Miami dá boas-vindas à novos talentos e lança tendências na cena artística
- 088 **Esporte** – Yellowstone, a história viva da natureza em um parque
- 100 **Bem-estar** – Escapar é preciso: um refúgio de paz e meditação aqui do lado
- 108 **Proudly** – Fé, história, belas paisagens e noites eternas na Galícia
- 112 **Ensaio** – A narrativa fotográfica de Érico Hiller pela natureza e pela sociedade
- 120 **Gastronomia** – Todos os sabores do mundo na versão *veggie* de Berlim
- 130 **Aventura** – Zâmbia e Zimbábue: uma inesquecível dupla jornada africana
- 140 **Entrevista** – Gonçalo Alves, a mente por trás do Areias do Seixo
- 144 **Crônica** – Astrid Fontenelle (re)descobre o mundo ao lado do filho
- 146 **Inspiradores** – Nellie Bly, a mulher que ousou, viajou e venceu

RIMOWA



NO ONE BUILDS A LEGACY BY STANDING STILL



“É preciso viajar para aprender.”

Mark Twain



C6 BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva (*in memoriam*)

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO

Nathalia Hein

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Luciana Lancellotti

COORDENADORA DIGITAL

Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Karina Perussi

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: André Fischer, Astrid Fontenelle, Dedé Teicher, Erik Sadao, Fabio Porchat, Flavia Vitorino, François Correia, Lalai Persson, Luciana Lancellotti, Luigi Dias, Luiz Maciel, Nathalia Hein e Rosana Hermann

Fotos: André Fischer, Erico Hiller, Luigi Dias, Ricardo Lêdo e Getty Images

Ilustração: Antonio Tavares e Hugo Alberto

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Luigi Dias

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

@revistaunquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Em um encontro entre o céu e a terra, nossa primeira edição do ano revela uma jornada fascinante até Ladakh e seus arredores, um enclave de natureza selvagem onde o budismo tibetano ecoa através dos séculos.

Em Berlim, desvendamos outro lado da cidade, imersos em sua cena gastronômica vegetariana – tendência que floresce a cada ano com mais vigor. Yellowstone, o pioneiro parque nacional dos Estados Unidos, nos convida a desbravar suas trilhas infinitas, prometendo experiências de *trekking* inesquecíveis. Já em Miami, exploramos os recantos de novos museus e galerias e a *street art* emergente, testemunhando a efervescência da criatividade contemporânea global.

Rumamos ainda até Zimbábue e Zâmbia para safáris e encontros autênticos com as comunidades locais, momentos que reverberam em nossa memória com especial intensidade. No Brasil, o encanto da Ilha do Ferro, em Alagoas, revela-nos a arte do Sertão e a pulsante criatividade de nossa gente.

Em um mundo que clama por cuidado do corpo e da mente, refugiamos-nos por alguns dias no Villa Tanah, onde nos reconectamos com nossas raízes em meio à natureza exuberante. E, como a sustentabilidade é a essência da UNQUIET, entrevistamos Gonçalo Alves, a mente visionária por trás do Hotel Areias do Seixo, em Portugal, um farol de hospitalidade responsável, sintonizado com os tempos modernos.

Assim, damos início a este novo ano, realizando viagens que transcendem fronteiras, enriquecem o espírito e promovem o autoconhecimento.

Aproveite a leitura e que suas jornadas nesse novo ciclo sejam extraordinárias!

Stay alive.
Be UNQUIET.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

C6 Carbon: o cartão completo da sua vida

Explore o mundo com os benefícios do cartão C6 Mastercard Black

Sujeito a análise



Baixe o app e abra a sua conta



C6BANK

Colaboradores



Há mais de 30 anos, **Astrid Fontenelle** é referência como uma das principais comunicadoras brasileiras. Jornalista e apresentadora, ela se consagrou na MTV Brasil, nos anos 1990. Como apresentadora, destacou-se nos programas *Chegadas e Partidas* e *Saia Justa*, que apresentou durante 11 anos, ambos no GNT. Nesta edição da UNQUIET, Astrid assina a Crônica, na qual discorre sobre a alegria de viajar com seu filho, Gabriel, e (re)descobrir o mundo através dos olhos dele.



Um dos profissionais mais consagrados do país, **Luigi Dias** é diretor de filmes e fotógrafo da agência de publicidade francesa Betc Havas. Premiado internacionalmente, suas lentes narram contos épicos de terras distantes, como os mistérios do Quirguistão, os horizontes do Uzbequistão e a mística exuberância do Camboja. São imagens capturadas de maneira cinematográfica e poética. Ele assina o artigo *Ladakh: Estrada para o Céu*, com texto e fotos.



Érico Hiller é fotógrafo documental há 20 anos. Suas fotos montam narrativas contundentes sobre temas relevantes no âmbito social e ambiental. Autor de diversos livros, ele viajou os quatro cantos do planeta com o olhar aguçado e as lentes precisas, em busca de cliques que registrem as questões que pretende levantar, entre elas a caça ilegal de rinocerontes, a crise hídrica e a disparidade de gêneros. São dele as imagens do Ensaio deste mês.



Jornalista, curadora e designer de experiências, **Lalai Persson** é apaixonada por música e produziu festas e festivais por mais de uma década. É cofundadora do site de viagens Chicken or Pasta, que a levou a dar a volta ao mundo em festivais de música por um ano. Ela produz o guia cultural semanal *The Next Day Berlin* e, para esta edição, percorreu a cena gastronômica vegetariana de Berlim, onde vive atualmente.



François Correa gosta de se definir como “um escritor por natureza, um sonhador de coração”. Formado em comunicação, ele fez mestrado em artes dramáticas na Goldsmiths University, em Londres, onde viveu por quase duas décadas. François trabalha como redator e escritor nas áreas de marketing e jornalismo há 16 anos. Neste mês, ele discorre sobre sua jornada pela encantadora Ilha do Ferro, na seção Brasil.



Inquieta, corajosa e aventureira, **Flavia Vitorino** vive em simbiose com a natureza. Sempre com o pé na estrada – e nas trilhas –, ela se lança em grandes jornadas mundo afora, fazendo *trekkings*, esquiando ou pilotando. Turismóloga e jornalista de viagens de natureza e aventura, é pós-graduada em meio ambiente e sustentabilidade pela FGV, além de embaixadora das marcas The North Face e Fjällräven no Brasil. Nesta edição, Flávia escreve sobre a experiência de desbravar o Parque Yellowstone.



A música é o fio condutor da trajetória da carioca **Dedé Teicher**, apresentadora, baterista, cantora e compositora. Engenheira de formação, ela já rodou o Brasil na bateria da banda Scracho e há alguns anos integra o time do canal Multishow, apresentando transmissões ao vivo de grandes shows e festivais, uma experiência que divide com a UNQUIET nesta edição. Em novembro de 2023, Dedé lançou o seu primeiro EP autoral, *Võngole*, disponível nas plataformas de *streaming*.



Natural de Jauru, no Mato Grosso, **Hugo Alberto** encontrou na ilustração sua grande motivação profissional. Suas criações se destacam pela narrativa visual, com linhas fluidas e formas geométricas, inseridas em universos fantásticos e cheios de referências da cultura brasileira. Seu foco são as ilustrações autorais e também para diversos clientes, como HBO, Animale, Noize e Folx Health, entre outros. É dele a arte da Crônica desta edição.



ENTRE GRUTAS E CACHOEIRAS

Ao desbravar a Chapada Diamantina a bordo de um Mitsubishi 4x4, você terá sempre uma atração natural no horizonte

POR LUIZ MACIEL

A cerca de 400 km de Salvador, bem no coração da Bahia, a Chapada Diamantina é provavelmente a região brasileira com a melhor combinação de belezas naturais e roteiros fora-de-estrada. A partir de Lençóis, a cidade local com a melhor infra turística, qualquer trilha que se pegue depois de deixar o asfalto é a garantia de encontrar a emoção ao dirigir – mas não apenas porque seu Mitsubishi 4x4 vai topar com infinitas estradinhas lamacentas, subindo montanhas. O que a Chapada tem de mais especial é proporcionar ao visitante a sensação de que, a cada 5

km percorridos, num sentido ou no outro, sempre haverá uma vista que mereça uma foto, um riacho de águas claras convidando a um mergulho, uma queda-d'água que você vai querer ver de perto, uma gruta com um lago azul em seu interior.

A Chapada se espalha por um território grande, comparável ao do estado do Rio de Janeiro, e felizmente está bem conservada não só pelas várias reservas ambientais que abriga, mas também por se firmar como um destino organizado de turismo na natureza. As agências locais oferecem vários roteiros pela região, geralmente de um a quatro dias,

Em sentido horário, snorkeling no Poço Azul, o Mitsubishi Pajero Sport Legend e uma das inúmeras cachoeiras da região. Na página ao lado, a paisagem arrebatadora da Chapada

FOTOS ISTOCK E DIVULGAÇÃO

com o acompanhamento de guias e o pernoite em pousadas de cidades menores, como Andaraí, Mucugê e Palmeiras. Como a ideia é fazer seu próprio roteiro, é indispensável um bom planejamento antes de partir, para evitar surpresas pelo caminho. Vale a pena consultar um guia para definir os locais de pouso e refeições. E reserve ao menos uma semana para sua imersão na Chapada.

Para chegar a Lençóis, toma-se a BR-324 em Salvador, até Feira de Santana. Depois é só seguir as placas da BA-488 e da BA-242, num trajeto de cerca de seis horas em vias asfaltadas. Hoje a cidade tem hotéis confortáveis e restaurantes encantadores, mas não perdeu o seu charme colonial.

A partir de Lençóis, o roteiro mais tradicional leva às grutas da Torrinha (com um salão repleto de estalactites) e da Pratinha (onde é possível flutuar no rio que corre lá dentro), à Cachoeira dos Mosquitos (que exige uma caminhada de 20 minutos) e ao Morro do Pai Inácio (de onde se tem uma das vistas mais belas da região).

Andaraí é o ponto de apoio mais próximo do Poço Azul e da Cachoeira Donana. Em Mucugê, a maior atração é o Cachoeirão. Ibiocoara, no sul da Chapada, dá acesso às cachoeiras do Buracão e da Fumacinha. O distrito de Igatu, em Andaraí, é um caso à parte: em vez de gruta ou cachoeira, a atração são as casinhas construídas inteiramente de pedra. Já a visita ao Vale do Capão, no município de Palmeiras, vale pela Cachoeira da Fumaça, que despenca de 380 m – a cortina d'água é tão fina que mal toca o chão.

Se quiser um tempo mais seco, visite a Chapada Diamantina entre março e setembro. O verão costuma ser bastante chuvoso, o que pode atrapalhar a visita às atrações naturais – por outro lado, ele torna os percursos mais desafiadores. Em qualquer época, consulte as dicas do site MIT Drivelines (mitdrivelines.com.br) antes de pôr o pé na estrada. 📍

360º

Um refúgio de indulgência na Grécia, vestígios do passado em Menorca, um lodge de puro charme no Butão, o retorno de um ícone havaiano, a mansão de YSL em Tânger, um palácio vitoriano em Londres, o novo segredo das Maldivas e um hotel com a alma de Tóquio

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



F ZEEN RETREAT

Uma alternativa ao circuito da Cíclades, as Ilhas Jônicas se estabelecem a cada temporada como um destino de charme e originalidade na Grécia. Entre as ilhas da Grécia Ocidental que formam o grupo, Cefalônia é a maior e mais aprazível para as férias com estilo. E é justamente em uma dessas localizações cênicas sobre o mar azul intenso, perto do vilarejo de Lourdata, que o F Zeen Retreat atende como um refúgio de saúde, bem-estar e indulgência. Totalmente integrado ao terreno da ampla propriedade, seus quartos e vilas se camuflam entre a vegetação. A arquitetura do hotel priorizou o uso de pedras desgastadas e materiais orgânicos, o que causa mínimo impacto visual e máxima elegância ao complexo, que desce íngreme desde o alto do monte até a Praia de Lourdas. A proposta do hotel é de saúde e exercício, e a rotina inclui aulas de ioga, pilates e outras atividades, com academias ao ar livre e na praia e diversos platôs para as práticas. *Snorkelling*, *paddleboard* e caminhadas também são opções. A ideia de uma busca saudável por mais forma física e mental não resvala, no entanto, na possibilidade de aproveitar o reduto com alta gastronomia – tudo orgânico, priorizando os produtores locais – e os ótimos vinhos produzidos na ilha. O Idor Spa é um santuário para tratamentos e massagens.

fzeenretreats.com



VESTIGE SON VELL

O compromisso com a originalidade arquitetônica e a manutenção do legado histórico de cada uma de suas propriedades rege os empreendimentos da Vestige Collection. Com 25 propriedades, espalhadas pela Espanha - 12 hotéis e 13 casas privadas -, a coleção combina antigos palácios e castelos do século XVIII e construções modernistas do início do século XX, que têm suas identidades e estruturas originais mantidas - a ideia é manter o “vestígio” de outrora, daí o nome do grupo. Um dos mais festejados projetos, aberto no último verão europeu, o Vestige Son Vell é o primeiro hotel da marca e ocupa uma mansão do século XVIII na Ilha de Menorca, a poucos minutos da Ciutadella e da costa das Ilhas Baleares, onde os tons de azul chegam a chocar de tão intensos. Toda a minuciosa restauração da casa principal e dos edifícios agrícolas, espalhados pelo imenso terreno verdejante, que abrigam os 33 quartos e suítes, foi pensada para fazer viajar a mente e descansar o corpo e a alma. Para isso, a renovação manteve traços originais, como o estilo italiano, o charme rústico e o uso de materiais regionais, como madeira, calcário e argila, a mescla de móveis antigos e moderno e tecidos naturais. No programa, cavalgadas, idas a sítios arqueológicos, esportes aquáticos, ioga e visitas a artesãos locais. A Vestige mantém o compromisso de preservar os traços ambientais e culturais das regiões onde se instala.

vestigecollection.com



&BEYOND PUNAKHA RIVER LODGE

Aventurando-se fora dos limites do continente africano, essa rede de safáris, consagrada entre as melhores do mundo, escolheu o Vale de Punakha, no Butão, para instalar seu novo *lodge*. O conceito de tendas espalhadas entre árvores, em cujas instalações o único som é o da natureza e o do fluxo das águas do Rio Mo Chhu, é um dos diferenciais dele, que fica a dez minutos de carro do Punakha Dzong, no centro do vale, onde arrozais e encostas formam a paisagem. A decoração, com elementos locais, dá uma pista da hospedagem, cheia de referências ao Butão: entre os detalhes interessantes da decoração das seis tendas de madeira e lona, em estilo Hemingway, e das duas vilas estão as cabeceiras, feitas de tecidos usados para *kira* e *gho* (o vestido nacional) por uma empresa têxtil que capacita meninas e mulheres desfavorecidas, além de almofadas e mantas da CDK, que emprega tecelões caseiros. Há também trabalhos de latão do artesão Ap Gembo, em Thimphu. A programação convida a explorar a natureza abundante em *trekkings* e passeios de bike e visitar *chortens*, templos e vilarejos próximos. A cozinha butanesa, feita no tradicional fogo de taipa, rege a gastronomia do *lodge*, em refeições que podem acontecer sob a copa das árvores, no deck da piscina ou no terraço privado de cada tenda. Um spa integra o complexo. Entre os planos para o futuro está a inclusão de programas de turismo comunitário de vida selvagem para avistar leopardos-das-neves e pandas-vermelhos.

andbeyond.com

PERFORMANCE ELETRIZANTE

RANGE ROVER
VELAR



Paz no trânsito começa por você.



 **KONA VILLAGE,
A ROSEWOOD RESORT**

Aberto em 1966, o antigo e épico Kona Village, nas encostas sagradas de Kahuwai Bay, em Big Island, Havaí, foi o ícone de uma geração. Palco de momentos famosos de grandes estrelas, ele ganhou fama como um reduto rústico regido pelo legado dos nativos havaianos. Ironicamente, serviu como refúgio de férias de Steve Jobs: o lugar incentivava seus hóspedes a deixarem eletrônicos desligados e não tinha internet. O intervalo de 12 anos entre o fechamento do resort (após sua destruição por um tsunami, em 2011) e sua reabertura, dessa vez sob a bandeira do grupo Rosewood, marca uma nova fase, regida pelos princípios da sustentabilidade e da manutenção dos costumes nativos. Recriado, conta com 150 *hale* (vilas decoradas com arte feita localmente) e ainda recebe os mesmos hóspedes cativos. Da construção original, muito se foi no desastre natural, mas o grande ícone do hotel, o Shipwreck Bar (um bar na praia feito com um barco naufragado) e a tradição de usar cocos na porta dos quartos como um sinal de “não perturbe” permanecem. Com a reabertura, a elegante estrutura incluiu piscinas, spa e restaurantes. A essência do hotel está baseada no antigo vilarejo fundado por pescadores polinésios no século XVI, e sua identidade se mantém por meio de um centro cultural, cujo conselho é formado por oito descendentes de indígenas havaianos. O Kona também se prepara para se tornar exclusivamente movido a energia solar.

rosewoodhotels.com



 SILVERSEA

DISCOVER
AUTHENTIC
BEAUTY

NAVEGUE CONOSCO PARA
MAIS DE 900 DESTINOS

Viva a beleza efêmera da primavera japonesa a bordo do sofisticado Silver Nova da Silversea. Nesta jornada pelo Japão, encante-se com o espetáculo das cerejeiras em flor enquanto explora cidades deslumbrantes como Osaka, Hiroshima, Fukuoka, Busan, Kanazawa, Aomori e Hakodate. Uma experiência única que combina a elegância do Silver Nova com a mágica temporada das cerejeiras, proporcionando-lhe lembranças inesquecíveis.

Silver Nova

Saída: 26/03/2025

Duração: 14 Dias

- Capacidade de 728 hóspedes
- Excursões terrestres incluídas
- 10 opções de restaurantes
- Lounges, Spa, Fitness Centre, loja Boutique e piscina.

Itinerário

De Tóquio à Tóquio, visitando Osaka, Hiroshima, Fukuoka, Busan, Kanazawa, Aomori e Hakodate.



Saiba mais em silversea.com



Wan- der- lust

Esse termo alemão significa “sede de viagens” e inspira a Montblanc em sua linha de malas e acessórios

Você pode curtir as feiras de arte em Miami e a comida vegana de Berlim. Aventurar-se pela Chapada Diamantina. Ou ainda descobrir o Zimbábue. Mas a sua sede por viagens não tem fim. Existe um termo alemão para isso: *wanderlust*. Talvez seja essa uma boa tradução para a nossa UNQUIET. Esse espírito, aliás, é o que move a Montblanc a criar novas linhas de acessórios e malas para quem não cansa de emitir cartões de embarque.

O portfólio da grife é dos mais completos. Tem um pouco de tudo: malas, mochilas, bolsas, óculos e até fones de ouvido. Vale destacar a linha de malas #MY4810. Com opções individuais e para a família, a Montblanc oferece *trolleys* de policarbonato e acabamento de couro. Pela sua praticidade, um dos grandes sucessos entre os viajantes é a opção de cabine – na maioria das companhias aéreas, ela pode ser embarcada como uma bagagem de mão. As coleções de couro primavera/verão da Montblanc são a base das opções de cor das malas. Pode-se escolher entre preto clássico, azul-petróleo, ferro fundido, argila, estanho e verde britânico.

As novidades de couro com a assinatura Montblanc têm itens essenciais, como *nécessaire*, porta-passaportes e carteiras. Para fazer trilhas, uma boa opção é a mochila Extreme 3.0, com três compartimentos principais. Nos fins de semana, vale optar pela bolsa de viagem de couro italiano. Os óculos de sol com proteção contra os raios UV, os fones de ouvido com cancelamento de ruído e o *smartwatch* Summit 3, com recursos de monitoramento da saúde, encerram com tecnologia e estilo as compras que irão melhorar ainda mais a sua próxima viagem.

Para fazer o checklist da linha na boutique da Montblanc, basta acessar: montblanc.com.br/para-a-viagem 📍

Da Montblanc para os viajantes. Nova linha é completa. Entre os itens, destaque para as *trolleys*, mochilas, óculos de sol com proteção contra raios UV e *smartwatches*



VILLA MABROUKA

Um dos mais famosos entusiastas do Marrocos e da cultura marroquina, o estilista Yves Saint Laurent manteve uma profunda ligação com o país durante sua vida. Além de sua mítica residência em Marrakesh, até hoje um ícone da cidade, YSL adquiriu, ao lado do companheiro, Pierre Bergé, uma propriedade em Tânger. A Villa Mabrouka (que em árabe significa “abençoada”) fica no alto de uma falésia, com vista para o Estreito de Gibraltar e jardins frondosos, com palmeiras e buganvílias. Adquirida pelo designer britânico Jasper Conran, a vila foi transformada em um hotel-butique há alguns meses, mas manteve a essência original de uma “mansão modernista inglesa dos anos 1940”, idealizada pelos antigos proprietários. São apenas 12 quartos, decorados individualmente. O principal é a suíte Marrakesh, que tem 68 m², terraço e vista para o mar e o estreito. A poucos minutos da medina e do casbá, tem duas piscinas, uma delas esculpida na falésia e a outra com azulejos locais, além de um *hammam*. O hotel conta ainda com dois restaurantes de gastronomia mediterrânea com toques marroquinos, baseada em especiarias locais e peixes frescos, além de um café e um bar no *rooftop*.

villamabrouka.com



UNQUIET APRESENTA



Hora de viajar

Com experiências únicas, a agência Goya transforma a sua visão de mundo

Como parte do trabalho bem-sucedido da Copastur, há 4 anos surgiu a Goya. Não é possível traduzir essa palavra, mas ela representa as percepções intensas e genuínas. A empresa oferece experiências autênticas e leva viajantes para jornadas inspiradoras. Assim, eles escrevem as suas próprias histórias.

Com uma seleção especializada e cuidadosa, a Goya encontra as joias escondidas para os seus clientes. O compromisso da empresa com a excelência é reforçado pelo posicionamento de agência *trendsetter* e pelo acesso à seleta rede Virtuoso, o que evidencia a sua dedicação à qualidade e à exclusividade.

Marco Ferrer, gerente de produtos da marca, observa um crescente interesse por destinos menos explorados e mais sustentáveis. “Os viajantes estão cada vez mais conscientes do impacto de suas escolhas. Por isso, buscam experiências autênticas,

que respeitem o meio ambiente e as comunidades locais”, afirma Ferrer. Para impulsionar as tendências no mercado de alto padrão, a Goya se mantém atualizada, buscando *insights* e parcerias estratégicas e elaborando roteiros criativos, construídos para cada um de seus viajantes.

O turismo de bem-estar segue sendo uma forte tendência para 2024. “Os destinos remotos, como vilarejos em regiões montanhosas, ilhas intocadas e reservas naturais, estão ganhando popularidade, na medida em que as pessoas buscam escapar das multidões e se reconectar com a natureza”, completa Ferrer.

Mais do que um parceiro de viagem, a Goya é uma verdadeira curadora de experiências para quem está buscando enxergar o mundo sob uma nova perspectiva. 📍

goyatravel.com.br

CRUZEIROS INTERNACIONAIS? PENSE NORWEGIAN.

Mais de 400 destinos pelo mundo, incluindo: Europa, Caribe, Alasca e Ásia.
Frota premiada de 19 navios. Saídas disponíveis até 2026.



ATENDIMENTO EXCLUSIVO: (11) 3177-3131
OU CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

* As atrações variam de acordo com o navio. Para saber mais acesse ncl.com.br.
©2024 NCL Corporation Ltd. Ships' Registry: Bahamas and USA 1569201 02/24



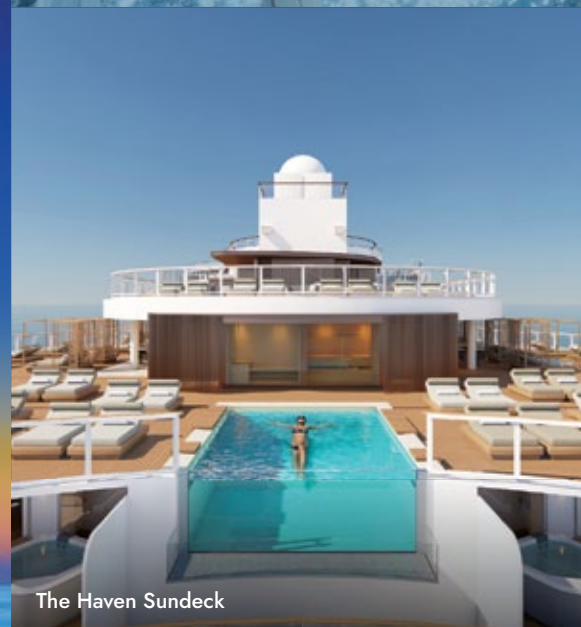
RESERVE HOJE AS
FÉRIAS DOS SEUS
SONHOS!



Oceanwalk



Speedway



The Haven Sundeck



Indulge Outdoor Lounge



The Rush



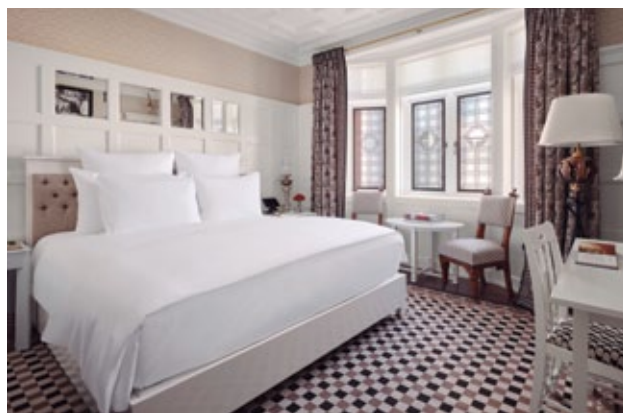
Infinity Beach



 **AT SLOANE**

Hospedar-se no Chelsea, em Londres, é fazer a escolha de descobrir uma cidade dentro da própria cidade. O bairro tem suas características particulares, evocando uma elegância atemporal por meio de galerias de arte, boutiques e outros pequenos segredos entre King's Road e Sloane Street. É nesse contexto de puro charme que o At Sloane faz as vezes de refúgio elegante e cheio de referências. Sob os cuidados do reverenciado designer francês François-Joseph Graf, é possível dizer que o hotel-butique, que abriu as portas há alguns meses, foi talhado quase artesanalmente: instalado em uma propriedade de 1889, o projeto demorou seis anos para ser finalizado e manteve a fachada original do imóvel, projetado por Edwin Thomas Hall. Seu interior, no entanto, foi todo redesenhado pela mente criativa de Graf, com centenas de objetos de arte escolhidos pessoalmente pelo designer, mais de 500 vasos chineses, lustres, biblioteca e tapeçarias, que remetem a uma mansão vitoriana intimista do final do século XIX.

atsloane.com



 **SONEVA SECRET**

Consagrado como um dos maiores exemplos de que é possível combinar experiências de altíssimo padrão com as melhores práticas de sustentabilidade, o grupo Soneva acaba de fincar sua bandeira verde em mais uma ilha das Maldivas. Exclusivo e intimista, o Soneva Secret fica no Atol Haa Dhaalu e conta com apenas 14 vilas, na praia e sobre a água, incluindo opções exclusivas, como as Lagoa Crusoe Villas e a vila flutuante inaugural das Maldivas, a Castaway. Cada vila conta com um mordomo e um *chef* pessoal, possibilitando muito tempo para aproveitar a natureza da ilha com esportes aquáticos, mergulhos acompanhados por um biólogo ou observação de estrelas guiada por um astrônomo, por exemplo. A oferta gastronômica vai desde o aventureiro Out of This World, uma torre de jantar e observatório, acessado por tirolesa, até opções descontraídas, como o restaurante à beira-mar So Primitive e o The Living Room.

soneva.com





Em sentido horário, a partir do alto, plataforma de observação em Bernese Oberland, estátua de Freddie Mercury em Montreux e vinhedo às margens do Lago de Genebra. Na página ao lado, o trem Luzern-Interlaken Express

A beleza de uma jornada

Ao embarcar no Grand Train Tour of Switzerland, o viajante descobre preciosidades. Essas cidades e seus trens encantam com luxo e proteção à natureza

A pontualidade dos trens suíços é bem conhecida. O que talvez nem todos saibam é que boa parte dos 1,2 mil quilômetros de linhas férreas especiais, que cortam o país, traz muitas surpresas. E já vale a viagem.

Estamos falando do Grand Train Tour of Switzerland. Trata-se de uma experiência de trens panorâmicos que desvenda a Suíça e proporciona a descoberta de verdadeiras joias preciosas em seu território. São oito seções, 11 grandes lagos e cinco áreas preservadas de Patrimônios Mundiais da Unesco.

Existem pelo menos sete sugestões de viagens com o Grand Train Tour of Switzerland. Elas apresentam castelos, vinhedos, passeios de montanha, grandes cidades e vilarejos. Com o perdão do clichê, são de tirar o fôlego: 1) Original Tour (oito dias,

passando por áreas de quatro idiomas diferentes), 2) Classic Tour (sete dias), 3) Top Attractions (cinco dias, com lagos azul-turquesa e paisagens bucólicas), 4) Glaciers & Palm Trees (quatro dias, do terreno alpino ao clima próximo ao do Mediterrâneo), 5) Stunning Waters (quatro dias, sendo o ponto forte as cachoeiras, os lagos e os rios), 6) Hidden Treasures (três dias, com o charme urbano e belas paisagens para descobrir) e 7) Winter Magic (oito dias, com geleiras, neve, lagos congelados e muito esqui). O viajante têm à sua disposição o Swiss Travel Pass para adquirir e ter acesso a todos esses destinos.

DESCOBERTAS NA VIAGEM

Se existe um país que parece inesgotável em sua diversidade e beleza, mesmo não sendo tão grande, ele é a

Suíça. O Grand Train Tour of Switzerland proporciona descobertas emocionantes em cada um dos trechos.

Pode-se destacar Lucerna. Em uma posição estratégica na região central do país, essa cidade fica entre o lago de mesmo nome e uma paisagem montanhosa. O trem panorâmico Luzern-Interlaken Express, por exemplo, leva duas horas para conectar as duas cidades e proporciona um pouco do melhor da paisagem suíça. A partir de Lucerna, vale a pena visitar as Montanhas Pilatus, Rigi e Stanserhorn.

Já a linha panorâmica GoldenPass Express leva o viajante de Interlaken a Montreux em apenas três horas. No trajeto estão Gstaad, Château-d'Oex e Montbovon. A nova Prestige Class é uma atração à parte. Oferece mais privacidade e poltronas que giram 180 graus e estão 40 cm acima das demais classes.

Em Zermatt, vale destacar a Montanha Gornergrat, um dos pontos mais altos do país – o trem chega à estação de Zermatt, a 3.089 m de altitude. Em qualquer

parte, a paisagem é de cartão-postal, como a Montanha Matterhorn e muitos chalés estilosos.

NATUREZA PRESERVADA

O turismo ferroviário desempenha um papel estratégico na economia da Suíça. Isso se deve à oportunidade de apresentar, através da janela dos trens, um país que valoriza e protege o meio ambiente. Não é coincidência que as autoridades suíças estejam alinhadas com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e comprometidas em tornar o país neutro em carbono até 2050.

Por causa disso, o programa Swisustainable é mais do que um rótulo ou uma certificação. Trata-se de um movimento para a orientação dos turistas, envolvendo água, ar, alimentação, mobilidade, preservação e reciclagem. De agroturismo a museus, de parques a estações de esqui: todas as organizações suíças estão implementando protocolos e ações para esses novos tempos. E, nessa viagem para o futuro, a maneira mais sustentável de explorar a Suíça é de trem.

myswitzerland.com/pt

SAIBA MAIS



Aponte a câmera do seu celular para adquirir o Swiss Travel Pass



JANU TOKYO

Tóquio foi o destino escolhido para receber o primeiro hotel da marca Janu. Irmã da consagrada rede Aman e com abertura prevista para o final de março, o Janu, que em sânscrito significa “alma”, chega à capital japonesa com a promessa de oferecer muito mais do que uma experiência de hotelaria. No complexo de Azabudai Hills, uma região modelo, com os maiores arranha-céus da cidade e abundante em natureza, arte e cultura, o hotel pretende ser uma referência como um centro de gastronomia e bem-estar. São seis restaurantes e três bares, que transitam por cozinhas diversas, incluindo a italiana, a cantonesa, a francesa e, claro, a japonesa, em duas versões. Além da energia jovial do projeto, cheio de cores e texturas que despertam os sentidos e a imaginação, o Janu Tokyo é voltado para o autocuidado. Tanto que abriga uma das maiores academias de Tóquio, com ringue de boxe, estúdios de movimento, centro de treinamento e uma extensa área termal e de hidroterapia, além de um completo spa. A ideia é que cada hóspede seja celebrado de forma particular, sentindo o acolhimento fornecido pelo *staff* e pelas impressionantes acomodações – muitas delas com varandas que contemplam a Colina Azabudai – e integrando a atmosfera vibrante da cidade à hospedagem.

janu.com

UNQUIET APRESENTA



Para pegar a estrada

Em um ano, as motocicletas Bajaj já ganharam as ruas e estradas brasileiras. E a tendência é vê-las cada vez mais

Quem ama viajar ou cruzar a cidade de moto conta com uma nova opção. E das mais competitivas. Trata-se da fabricante indiana Bajaj. Presente no Brasil há pouco mais de um ano, a marca vem ganhando mercado por aqui. E já está acelerando para novos projetos.

O principal deles é a abertura da fábrica da montadora em Manaus ainda este ano. O sucesso, quase instantâneo, gerou a confiança da matriz. “O ano de 2023 foi muito positivo para a Bajaj. Conseguimos atingir nosso objetivo, entregando motos completas a um preço acessível, o que despertou o desejo do público brasileiro”, conta Waldyr Ferreira, *managing director* da Bajaj do Brasil.

Os números falam por si. A Bajaj vendeu 4,7 mil unidades por aqui. Delas, o modelo Dominar 400 responde por 67%, o Dominar 200 por 22% e o Dominar 160 por 11%. A operação conta com dez concessionárias, número que deve mais que dobrar até o fim de 2024.

Vale destacar também o programa de experiências da Bajaj. Trata-se do Dominar Rides, passeios que fazem parte de uma programação internacional da marca. E isso vale também para o Brasil. Em 2023, foram realizados nove passeios. Para este ano, o número deve saltar para 20. Os programas podem ter o formato de bate-volta (um dia) ou roteiros mais longos. Isso proporciona curtir a motocicleta, reunir amigos e desfrutar de roteiros turísticos Brasil a fora.

“Apostamos alto no Brasil. E nós, da Bajaj, quando entramos em um país, é para nunca mais deixá-lo. Nosso compromisso com o cliente é indiscutível”, completa Rakesh Sharma, *executive director* da Bajaj Auto Limited. Produto, pós-venda, experiências, relacionamento: a marca está cumprindo à risca seu manual de longevidade por aqui. Não será surpresa se uma Bajaj for a sua próxima moto. Boa viagem! 📍

bajaj.com.br

Modelo Dominar 200, responsável por 22% das vendas da marca no Brasil





Mais de 400 hotéis no Brasil, na América de Sul e nos Estados Unidos recebem produtos da Trousseau. A marca também fornece *amenities* e itens de perfumaria

Conforto dos sonhos

Trousseau leva a máxima “home away from home” a sério quando o assunto são itens de hotelaria

O toque acetinado de um lençol de tecido nobre, a maciez de uma toalha de alta gramatura. Os detalhes que deixam claro que há uma assinatura, uma preocupação em cada etapa de produção para entregar o melhor do conforto e funcionalidade. Há 33 anos, desde a sua fundação, a Trousseau apresenta as mais nobres coleções e constrói um *lifestyle* em que o conforto e o bom gosto são palavras-chave.

Ao longo dos anos, a Trousseau expandiu sua atuação para além do universo da cama e se tornou a escolha preferencial para os que buscam oferecer a verdadeira sensação de estar em casa mesmo quando estão longe dela. Com isso, hoje mais de 400 hotéis e pousadas de alto padrão no Brasil, na América do Sul e nos Estados Unidos utilizam nossos produtos, o que torna a Trousseau a escolha preferencial para aqueles que colocam em prática a máxima “*home away from home*”.

Desde sua fundação, ela tem a obsessão em entregar o que há de melhor no mundo do enxoval, utilizando uma confecção própria e dedicada, com profissionais que acumulam mais de três décadas de experiência. Hoje, são mais de 300 colaboradores, que trabalham para atender às demandas do que há de melhor no mercado. “Há 25 anos, quando entramos na hotelaria, entendemos que poderíamos oferecer para esse mercado a mesma excelência, levando em conta que deveriam ter durabilidade em função dos cuidados profissionais que esses hotéis exigem”, descreve Romeu Trussardi Neto, proprietário da empresa.

Os produtos de cama são feitos do mais puro algodão, com opções que variam de 233 a 600 fios, e podem ter diferentes acabamentos. As toalhas também merecem atenção especial. A marca ainda oferece complementos, como *amenities* e itens de perfumaria, que incluem velas e aromas de ambientes. Endereços como Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, Casana, no Ceará, B Hotel, em Brasília, e diversos outros contam com itens Trousseau em suas habitações.

Com uma linha extensa de acabamentos e opções de confecção, a Trousseau oferece soluções personalizadas para atender às demandas específicas do setor de hotelaria. Mantas decorativas, almofadas e detalhes de alto acabamento transformam uma coleção aparentemente padrão em uma experiência única. “E ficamos muito lisonjeados pelos *feedbacks* dos hóspedes, o que deixa a experiência ainda mais especial”, explica Neto.

Mesmo para quem adora viajar, sentir-se em casa faz toda a diferença. E a Trousseau põe essa sensação ao alcance dos seus sentidos. 📍



trousseau.com.br

CHECK-IN

Estilo e consciência

Uma dose de sustentabilidade em suas viagens:
produtos ecologicamente responsáveis que não comprometem o conforto

POR LUCIANA LANCELOTTI



SOM SUSTENTÁVEL

A Bang & Olufsen lançou o Beosound A5 Spaced Aluminium, um alto-falante sem fio que é também uma peça de design sustentável. Feito à mão, com mais de 3,5 mil discos de alumínio individuais, o equipamento não apenas impressiona visualmente, mas também é ideal para levar em viagens, oferecendo um som de qualidade excepcional (respeitando a privacidade alheia, claro) desde a piscina até acampamentos e quartos de hotel. Além da estética e da portabilidade, a empresa adota medidas sustentáveis importantes, como a promoção da economia circular e de ações climáticas responsáveis.

bang-olufsen.com

FAÇA CHUVA, FAÇA SOL

Estilosa, segura, funcional e sustentável. Eis um belo conjunto de qualidades para uma mochila de viagem. A Bange Business Backpack tem um design ergonômico e futurista, que permite transitar com estilo dos compromissos corporativos às viagens a lazer. Seu interior é meticulosamente elaborado, com compartimentos estratégicos para laptops e iPads – durante os deslocamentos, a recarga do celular está garantida graças a uma porta de carregamento USB 3.0. O tecido Oxford (em várias cores) é resistente à água, assim como o material do zíper, impermeável, o que preserva os equipamentos eletrônicos sob condições climáticas adversas. Além disso, a trava TSA, de zinco de alta resistência, é a tristeza dos *pickpockets* de plantão.

mybange.com



av. pedroso de morais, 1216/1234 • pinheiros • são paulo

acasa.org.br



@museuacasa



@acasamuseu

museu
A CASA
do objeto brasileiro



PODE ENTRAR,
A CASA É SUA!

O Museu A CASA do Objeto Brasileiro festeja a arte popular brasileira em exposições, loja, oficinas e rodas de conversa. Venha se encantar com a riqueza e multiplicidade do fazer artesanal de norte a sul do país.





CALOR HUMANO

Encarar o frio pode ser menos desafiador com o casaco isolante Albula IN, da marca suíça Mammüt. Seu alto índice térmico, mesmo em condições úmidas, e sua excelente relação entre calor e peso o tornam ideal para o uso diário ou em trilhas. Feito principalmente com materiais reciclados – como o enchimento de garrafas PET –, ele é revestido de poliéster e poliamida igualmente ecológicos. Além disso, é vegano, lavável e possui um corte solto, facilitando a sobreposição com outras camadas de roupa. Uma prova de que a moda e a sustentabilidade podem, sim, andar lado a lado.

mammüt.com



REPARO RÁPIDO

Novidade da Kiehl's, o Ultra Facial Skin Barrier Repair Balm é um bastão de hidratação instantânea e reparação da barreira natural de proteção da pele, ideal para enfrentar o ressecamento extremo durante as viagens. Compacto, sem perfume e de textura suave, ele cabe facilmente no bolso. A nova-iorquina Kiehl's é reconhecida pelo compromisso com o meio ambiente ao utilizar ingredientes sustentáveis, energia renovável e embalagens recicláveis.

kiehls.com

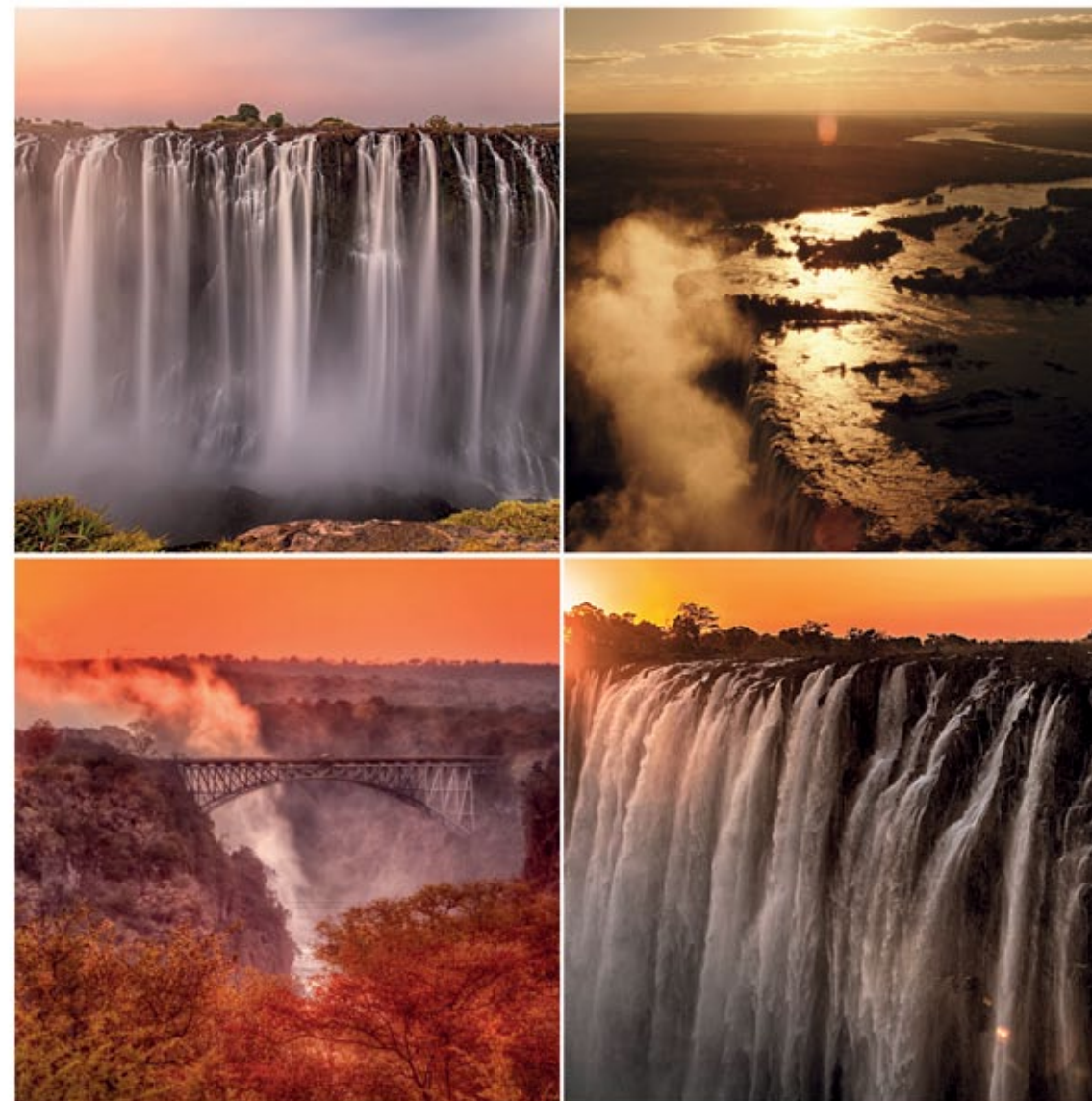
LOCAIS SEGUROS DO C6 BANK: INVESTIMENTOS E PIX PROTEGIDOS FORA DE CASA

Viajar deve ser um prazer. E isso inclui ter a cabeça livre de preocupações, inclusive às relacionadas à segurança de seu dinheiro. Sempre em busca de excelência nos melhores serviços para os seus clientes, o C6 Bank tem um protocolo de segurança que garante essa tranquilidade em qualquer lugar do mundo. O recurso inclui diversas “camadas” nos quesitos segurança e privacidade, com a possibilidade de cadastrar Locais Seguros para acesso a conta (o endereço do hotel, por exemplo), o uso de biometria facial pelo próprio aplicativo, definição de limites de uso e transações nos períodos diurno e noturno, redefinição periódica do código de segurança do cartão para ainda mais proteção, bloqueio temporário do cartão em apenas um clique e monitoramento contra *apps* suspeitos.

c6bank.com.br



zimbabwe, victoria falls, sunset



Explore as diversas experiências que um destino tem a oferecer.

Dicas diárias nas redes sociais e mais conteúdos exclusivos no site revistaunquiet.com.br /

UNQUIET
Stay alive. Be UNQUIET

PEGADA ECOLÓGICA

De Kate Middleton a Reese Witherspoon, os tênis da marca franco-brasileira Veja (Vert no Brasil) conquistaram muitos pés famosos mundo afora. Além de estilo e design impecáveis, sua produção ética e sustentável, aliada à transparência em sua cadeia produtiva, faz deles uma escolha consciente. Mais vantagens? São ultraduráveis e produzidos com materiais como algodão agroecológico, garrafas PET recicladas e cana-de-açúcar. A linha vegana, que inclui o modelo Wata II Ripstop Náutico Pierre, oferece opções ainda mais sustentáveis.

vert-shoes.com.br



VINTAGE E COSMOPOLITA

No universo das *it-bags*, a Rimowa deixou sua marca com as emblemáticas *cases* de maquiagem. Mas recentemente a grife alemã elevou sua proposta a outro nível ao incluir um lançamento revigorante em sua coleção raiz. A Rimowa Original Vanity Case promete ser a solução definitiva para o viajante que investe alto em seus cosméticos, com sua construção robusta de alumínio anodizado e detalhes organizacionais meticulosamente aprimorados, desde compartimentos específicos até uma bandeja removível de alumínio e *plexiglass*, para manter tudo em ordem. É uma celebração ao passado vintage da marca, ao mesmo tempo que avança para atender às exigências modernas de praticidade e segurança. A marca dá garantia vitalícia a produtos adquiridos a partir de junho de 2022, o que minimiza a necessidade de substituição e contribui para a redução de lixo no planeta, e lançou programas como o *re-crafted*, que se foca em reutilização, reparo e reciclagem das malas, prolongando sua vida útil.

rimowa.com



DIGITALMENTE NOSTÁLGICA

Para quem acredita que nostalgia e modernidade não podem andar de mãos dadas, a nova Leica Sofort 2 é a materialização do chamado “melhor de dois mundos”. A câmera fotográfica combina o charme retrô irresistível da impressão instantânea com as maravilhas da tecnologia digital – sem precisar brigar com rolos de filme ou torcer para que as fotos não queimem (ninguém tem saudade dessa parte, certo?). A cereja do bolo é o comprometimento da empresa alemã com práticas sustentáveis: de acordo com a Leica, os recursos utilizados na produção são escolhidos de modo responsável e os métodos de trabalho adotados são seguros, com a redução de riscos. Disponível nas cores preta, vermelha e branca.

leica-camera.com



Passeios de trem fantásticos pelo mundo

Esta matéria e outras você só encontra nas redes sociais da UNQUIET

O universo UNQUIET vai muito além da revista impressa. Encontre publicações exclusivas no Instagram [@revistaunquiet](https://www.instagram.com/revistaunquiet), com posts diários sobre viagens inéditas e lives sobre os destinos de cada edição. Acompanhe nosso conteúdo digital e amplie suas descobertas pelo mundo.

Revista UNQUIET / [f](https://www.facebook.com/revistaunquiet) [y](https://www.youtube.com/revistaunquiet) [in](https://www.linkedin.com/company/revistaunquiet) [ig](https://www.instagram.com/revistaunquiet) [p](https://www.pinterest.com/revistaunquiet)

revistaunquiet.com.br

Stay alive. Be **UNQUIET**



48 HORAS

A margem esquerda do rio...

A chamada *Rive Gauche* ostenta os endereços mais chiques, artsy e cool de Paris

POR ERIK SADAO

Quando o barão de Gauville reconheceu, durante a Revolução Francesa, o lado da mesa onde jacobinos se sentavam – na assembleia que daria o pontapé à criação da maior nação tricolor do planeta –, o termo esquerda passou a ser utilizado para conceitualizar um dos lados da balança em todas as democracias do mundo ocidental.

Alheia a visões políticas binárias do termo, utilizado para denominar o lado do cérebro mais usado por destros, a *Rive Gauche* faz bater mais forte o lado esquerdo do peito de quem visita, transita ou vive Paris, o meu inclusive.

Desde a reforma do formidável Lutetia, o icônico hotel palácio da região, e da reabertura do Le Bon Marché, uma verdadeira instituição parisiense para os amantes dos melhores sabores e dos últimos lançamentos da secular moda da cidade, os bairros localizados na margem esquerda do Rio Sena voltaram a receber hordas de boêmios, amantes das artes e *shopaholics*, e muitos se orgulham de passar dias na cidade sem pisar na margem *droite* do rio.

Confesso que sou um deles. Mesmo nas escapadas para conferir as exposições do Grand Palais, da

Bourse de Commerce ou da Fundação Louis Vuitton, programo os minutos para explorar do 5º ao 7º e do 13º ao 15º *arrondissements*.

Lutetia: comer longe dali está praticamente fora de questão. Mesmo com um sem-fim de pequenos restaurantes para explorar, hospedando-se ou não no hotel lendário, é obrigatória uma parada na Brasserie du Lutetia para provar o famosíssimo frango assado, acompanhado por uma taça de branco da impressionante carta de vinhos selecionados para acompanhar os pratos criados pelo *chef* Patrick Charvet.

The French Bastards: ali do lado, uma filial dessa badalada *boulangerie*, o símbolo contemporâneo de padaria parisiense, foi inaugurada recentemente e serve *pâtisserie* e comidinhas para deixar memórias mesmo em quem bate cartão em St. Germain.

Le Bon Marché: se existisse na época dos embates entre girondinos e jacobinos, o Bon Marché seria uma unanimidade. Não há como sair dele de mãos abanando. Além de itens das principais marcas, incluindo coleções de algumas das mais modernas, a seção de alimentos, a chocolateria e, claro, a *charcuterie* são a receita irresistível para o pecado do excesso de bagagem.



Em sentido horário, o bar do Lutetia, a perfumaria Bully 1803 Bully, o interior do Le Bon Marche, a fachada do Musée D'Orsay e o movimento no Quartier Latin

Musée d'Orsay: a caminhada entre o 6º e o 7º *arrondissements* é um deleite. Como se faltassem motivos para uma visita ao D'Orsay, a aguardada exposição *Paris 1874 - Inventer l'Impressionnisme* estará em cartaz entre 26 de março e 14 de julho, no lendário vão que serve de lar para algumas das obras mais importantes expostas no maior divisor das artes do século XIX, o Salon des Refusés.

Bowie em Paris: do Quartier Latin para o Quartier Asiatique, as ruas revelam a miríade de culturas que se adaptaram ao modelo de café e galerias parisienses, parte da aura quase imbatível da “metrópole do charme”. Uma via inaugurada este ano é dedicada a David Bowie, o camaleão do rock. A atração deve atrair fãs do astro britânico para esse lado do Sena, repleto de confeitarias e restaurantes asiáticos e uma aura *artsy* à la Nova York e Londres do final dos 1960, moldada por ateliês instalados em antigos frigoríficos.

Galerie Arcane: para quem é movido a arte, exposições e vernissages organizadas pelas galerias dos bairros e do entorno da Quai Voltaire dividem a aten-

ção de transeuntes com algumas das lojas de design e curadorias das marcas mais legais da capital francesa. A Galerie Arcanes é especialista em cerâmica e mobiliário garimpados com o olhar de decoradores como Jacques Adnet e privilegia o design de pegada italiana dos anos 1970.

Assouline: se espaço na bagagem for um problema, é recomendado não entrar nessa livraria na Rua Bonaparte. Especializada em *coffee table books* de arte, moda, *lifestyle* e viagem, ela costuma exibir seus produtos com kits e caixas perfeitas para presentes impressionáveis.

Bully 1803 Bully: para o deleite absoluto do olfato, os produtos dessa histórica perfumaria, com *vibe* de farmácia do século XIX, têm fragrâncias marcantes e produtos de beleza com embalagens vintage feitas para colecionar.

Paris é sempre uma boa ideia e os bairros da margem esquerda do Rio Sena são uma unanimidade quando se pensa no modo de vida parisiense – no imaginário popular ou em nossas melhores memórias da capital francesa. Descobrir novos lugarzinhos, para alternar com a passada obrigatória nos lendários cafés De Flore e Le Deux Margot, é um hobby tão antigo quanto a rixa entre jacobinos e girondinos. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

C6BANK

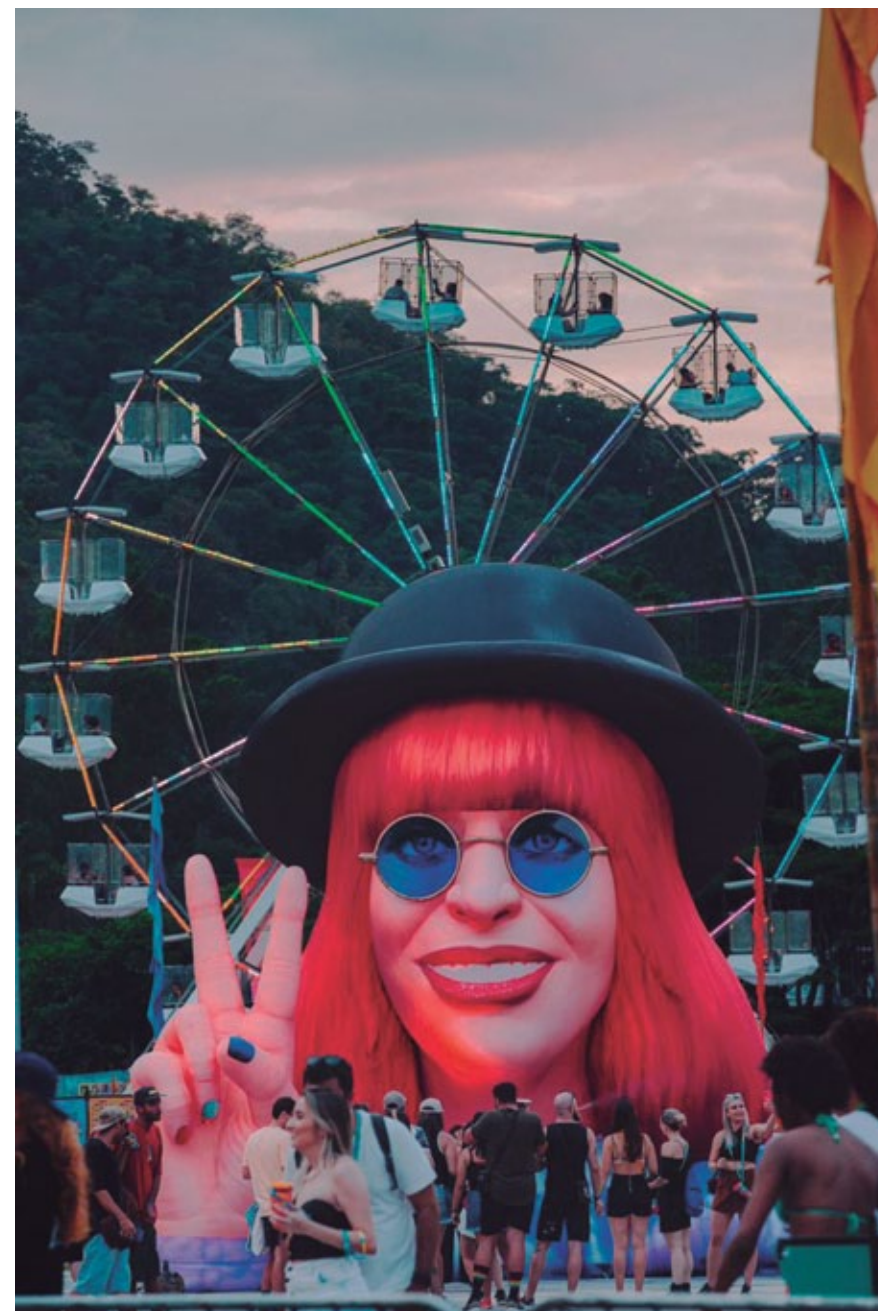
APRESENTA

FESTIVAIS

FESTA NA FLORESTA

Rock The Mountain é o primeiro festival brasileiro a realizar edição só com artistas femininas

POR DEDÉ TEICHER



FOTOS: @IHATEFLASH

Ao longo de mais de uma década trabalhando na cobertura de grandes shows e eventos pelo Brasil, venho tendo a certeza, cada vez mais nítida, de que os festivais são acontecimentos inesquecíveis na vida das pessoas. A comunhão que a música promove, a criação de memória coletiva, a vontade de fazer parte de um grande momento...

A lista de motivos que movem cada um é longa e variada. E, da catraca para dentro, todos fazem parte de uma mesma comunidade apaixonada.

Desde 2013, a serra fluminense tem sido o cenário de um festival que conquistou um lugar especial no coração dos amantes de música e arte. Claro que os *line-ups* caprichados podem explicar parte desse sentimento, mas a verdade é que a proposta do Rock The Mountain é oferecer ao público uma experiência que vá muito além de simplesmente assistir a ótimos shows. E experiências, assim como músicas e ideias, reverberam. Tanto é que o festival viu o seu público multiplicar de tamanho nesses dez anos de

existência, chegando a receber 20 mil pessoas por dia em sua última edição, em novembro de 2023, que contou com uma escalação inteiramente feminina, totalizando mais de 100 artistas envolvidas.

SÓ AS MENINAS

A equidade sempre foi um critério importante na escolha das atrações a cada edição, e a ideia surgiu naturalmente quando os organizadores do RTM estavam desenhando o *line-up* baseado nos dois nomes que ocupariam as vagas de *headliners* naquele ano: Marisa Monte e Maria Bethânia. Na hora, eles pensaram: “É totalmente possível fazer um *line-up* 100% feminino, o que vai fazer as pessoas falarem sobre isso”, conta Ricardo Bräutigam, sócio fundador, diretor criativo e CEO do festival. “A gente tinha muita confiança. Tínhamos ouvido de outras pessoas que não vendia, que era mais difícil, e quisemos provar que era possível.” Deu certo.

Deu mais que certo, aliás. Foi histórico. Pela primeira vez, um festival brasileiro realiza uma iniciativa desse tipo, em um cenário em que as mulheres seguem na batalha por mais espaço, frequentemente espremidas em *line-ups* majoritariamente masculinos.



Nos palcos Estrela e Floresta, os maiores do festival, o RTM promoveu uma mistura de estilos, origens e gerações: além das impecáveis Bethânia e Marisa, ainda passaram por lá Alcione, e seus 50 anos de carreira, Daniela Mercury (esse show ferveu demais, aliás), Margareth Menezes, Iza, Marina Sena, Majur, Pitty, Maria Rita, Vanessa da Mata, Jup do Bairro e Gaby Amarantos, entre outras, com direito às dobradinhas explosivas de Valesca Popozuda com Tati Quebra Barraco, e Karol Conká com MC Carol.

Mas não para por aí: no RTM existem diversos outros espaços, com música e arte para todos os gostos e estilos basta querer se jogar - tem até tirolesa, bungee jump, balão e roda gigante, inclusive. As mulheres ocuparam todos os mais de dez palcos com shows, *DJ sets* e performances, numa programação eclética, da roda de samba às pistas de dança, com direito a um *chill out* e exposições de artes plásticas no meio disso tudo.

Tantas possibilidades têm a ver com o conceito que o RTM defende: “A gente tenta que o festi-

Maria Bethânia e Marisa Monte encabeçaram o *line-up* exclusivamente feminino. E foi histórico



Acima, em sentido horário, instalação em um das áreas do festival, Marisa Monte hipnotiza a plateia, o palco principal do evento e Maria Bethânia sendo ovacionada. Na página ao lado, Maria Rita se apresenta no festival

val ultrapasse o *line-up*, que a pessoa queira ir independentemente de quem vai tocar”, comenta Ricardo Bräutigam, que é fã de festivais o suficiente para já ter viajado meio mundo para frequentar uma grande variedade deles repetidas vezes, como o Coachella (Estados Unidos) e o Glastonbury (Inglaterra). “As experiências que tive em festivais lá fora me fizeram criar o Rock The Mountain do jeito que ele é hoje. Viver um dia com os amigos, com a família, curtir um dia inteiro na natureza de todas as maneiras. Essa é a grande experiência do festival.”

ENERGIA VERDE

Por isso, a escolha da região serrana não foi por acaso, e o cuidado com a natureza é uma das prioridades. Entre as iniciativas sustentáveis estão a reciclagem dos resíduos, a praça de alimentação, totalmente vegetariana, e a neutralização das emissões de gás carbônico do festival. Sem o verde no cenário e a mudança de ares que ele proporciona, a imersão não seria a mesma. Além, é claro, dos encontros, caronas, hospedagens compartilhadas e aventuras que uma viagem a Itaipava (RJ) pode guardar para cada um.

A próxima edição já está confirmada: será nos dias 9 e 10 e 16 e 17 de novembro de 2024, com os mesmos artistas se apresentando nos dois finais de semana. Novamente no Parque de Exposições de Petrópolis. De Joelma a Planet Hemp, de Ed Motta a Pablo Vittar, de Ana Frango Elétrico a Zeca Pagodinho, o certo é que a música brasileira vai brilhar no topo da montanha mais uma vez. 📍

Arte em Movimento

O Barco Museu leva oficinas, exposições e novas oportunidades até moradores de comunidades ribeirinhas em Alagoas

A arte sempre encontra um lugar para acontecer. E é exatamente esse conceito que o projeto Barco Museu pretende fomentar entre as comunidades ribeirinhas e indígenas do Baixo São Francisco. Criado e concebido pela Coleção Karandash, desde 2008 o núcleo investe na formação de um olhar e talentos artísticos novos.

A iniciativa lança mão de um “museu itinerante”: o barco que percorre cidades e povoados da margem alagoana do Rio São Francisco e promove a troca de experiências entre artesãos, escultores, pintores, bordadeiras, músicos e escritores, entre outros, com os moradores locais, que são convidados a participar de oficinas e experimentar diferentes formas de expressão artística.



Ao visitar as comunidades do Baixo São Francisco com seu museu itinerante, o projeto leva ensinamentos sobre a arte e a possibilidade de novos ofícios para crianças e jovens da região

Entre as comunidades que já receberam a visita do projeto estão Piranhas, Entremontes, Ilha do Ferro, Pão-de-Açúcar e Aldeia Kariri-Xokó.

Mais de 2 mil crianças, jovens e adultos foram acessados por meio da iniciativa, cujos talentos para atividades como pintura, escultura, bordado, artesanato, fotografia e cinema são estimulados, em muitos casos transformando a vida de novos talentos que, com esse contato, conseguem encontrar seu caminho na arte.

Além de capacitar a população e levar arte a comunidades isoladas dos grandes centros, ampliando, assim, seus horizontes, a experiência visa gerar novas possibilidades em termos de fonte de renda e valorização cultural e histórica. 📍

karandash.com.br



As viagens de Murakami

Com personagens profundos, solitários e melancólicos, o autor japonês apresenta nuances da vida em Tóquio e da cultura e resiliência orientais, vividas dentro e fora dos limites do Japão

POR ERIK SADAQ

Há dez anos, quando estive em Berlim para a comemoração dos 25 anos da Queda do Muro, como de costume dei uma passada no bar do Regent para botar o papo em dia com uma amiga que dirige o hotel. Enquanto saboreava um drinque à base do Alder Gin, produzido ali, no Mitte, me dei conta que bem ao meu lado um par de japoneses degustava um uísque e conversava baixinho. Em euforia discreta, saquei da mochila um exemplar da primeira tiragem de *O Incolor Tsukuru Tazaki e Seus Anos de Peregrinação*, companheiro de viagem daquela jornada, lançado mundialmente semanas antes. “Carmen, por acaso esse senhor ao nosso lado é o escritor Haruki Murakami?” Fiz a pergunta e coloquei o livro em cima da mesa sem fazer muito alarde, já emendando algumas frases sobre como sou completamente obcecado por sua literatura. Como toda boa profissional da hospitalidade, minha amiga discretamente só assentiu com a cabeça antes de me dar a notícia, num tom de voz quase inaudível, de que o hotel tinha ordens de não importuná-lo.

Confesso: prefiro não conhecer pessoalmente meus ídolos. O receio de me decepcionar é imenso. Mas ali, naquele momento, como numa das coincidências que embaralham a vida dos personagens nos romances do japonês, me vi a menos de 2 m do homem responsável pelas tramas que têm feito minha cabeça nas duas últimas décadas. Seus livros foram companheiros de mais jornadas do que me recorde e, inevitavelmente, me levaram às lágrimas nos últimos capítulos. Cruzei o olhar com ele mais de uma

vez e acenei com a cabeça, inclinando com respeito numa saudação beirando a oriental. Carmen, sem jeito, mudou de assunto e pediu para ver as fotos do *black tie* que ia usar na solenidade do dia seguinte.

Quando fui à chapelaria, nossos caminhos se cruzaram e, novamente com uma saudação oriental, arrisquei um “iroiro arigatô gozaimashita” (“muito obrigado por tudo), em um japonês rudimentar, e ele acenou de volta com a cabeça. Para evitar colocar minha amiga em uma situação embaraçosa, não puxei conversa e nem pedi autógrafa. Ele deve ter notado o livro que eu carregava, e nunca saberei se ficou surpreso com a minha disciplina. Guardei sua expressão cordial e por dias vivi como um de seus personagens, com as válvulas de escape das emoções meio bloqueadas, melancólico, remoendo aquele momento com a hipótese de quem poderia mudar o rumo da história num impulso. E, como o sintoma dessa angústia, ganhei a recordação mais condizente com a obra de Murakami.

Em um mundo cada vez mais individualista, a busca por relacionamentos profundos e de entendimento mútuo dos mistérios ao nosso redor, narrados a partir de personagens ora heroicos, ora medíocres, torna os livros de Murakami os melhores companheiros para jornadas solitárias. Lembro com carinho do prazer de me sentar em cafés, envolvido em seu universo, imaginando as emoções reais de desconhecidos que cruzam nosso caminho quando botamos o pé na estrada, e das possíveis histórias fantásticas ou absurdamente comuns que cada um de nós carrega e que dão sentido à vida e, claro, às viagens.

Sete livros para embarcar no universo Murakami...



APÓS O ANOITECER

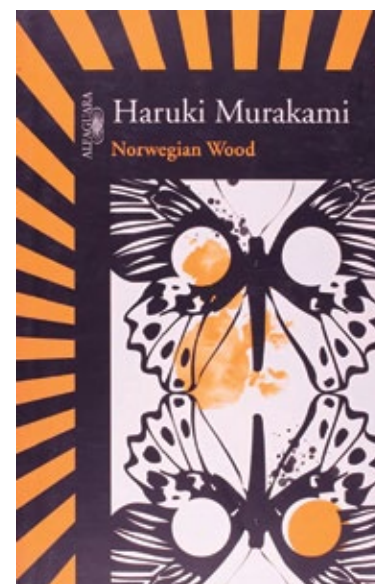
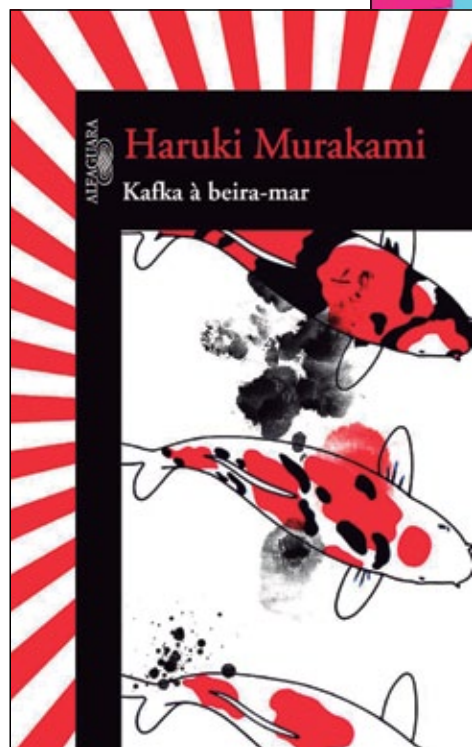
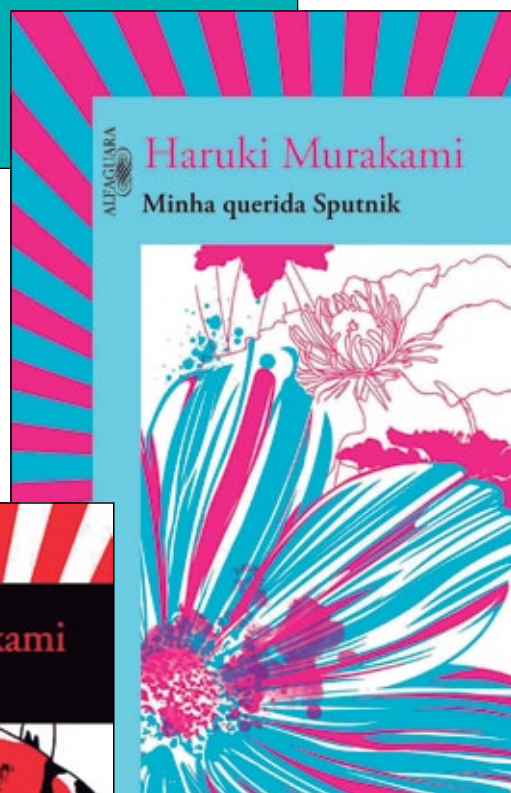
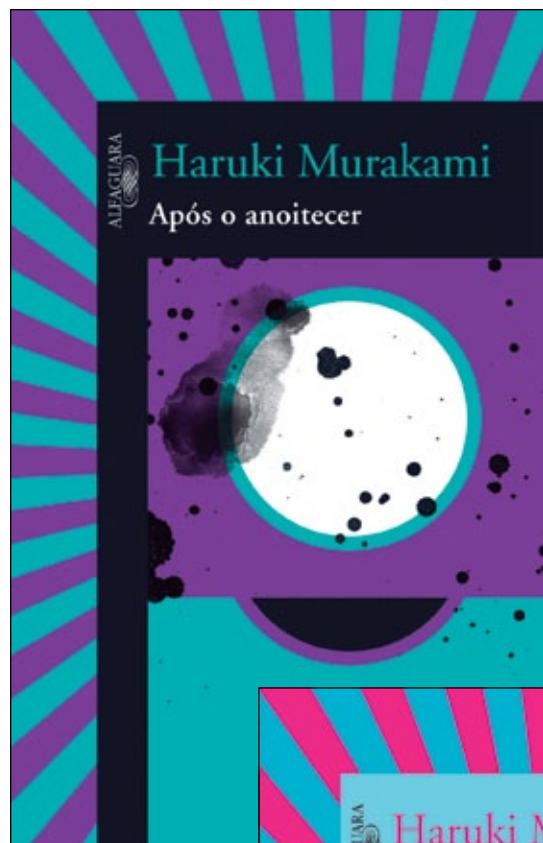
Entre o anoitecer e os primeiros raios da manhã, a trama narra uma série de encontros vividos por Mari Asai, uma garota retraída que abandona a casa dos pais para seguir sem rumo pelas ruas de Tóquio. Sua irmã, Eri, uma modelo de sucesso, se deitou para dormir e nunca mais acordou. Suas histórias se entrelaçam, seguindo os ponteiros em tempo real madrugada adentro, em meio ao encontro com alguns dos personagens mais cativantes criados pelo japonês: Takahashi, um músico melancólico, que busca algum sentido para a vida; Shirakawa, um *workaholic* de tecnologia com uma sinistra identidade secreta; e Kaoro, gerente de um motel que se envolveu com a máfia chinesa ao ajudar uma prostituta violentada. As complexas relações do amor entre as irmãs, novos amigos e a paixão por desconhecidos se desenrolam em meio ao jazz e a uma trilha pop, onipresentes no universo Murakami.

MINHA QUERIDA SPUTNIK

Uma história de amor não correspondido flerta com o realismo fantástico e tem como plano de fundo a vida da jovem Sumire. Aos 23 anos de idade, ela nunca se apaixonou. Tudo muda quando conhece Miu, uma empresária de sucesso 20 anos mais velha. Em uma viagem à Grécia, E. K., o narrador, completamente apaixonado por Sumire, tenta encontrá-la após a notícia de seu misterioso desaparecimento. A linha tênue entre a fantasia e a realidade na vida dos três personagens é desenvolvida em uma prosa repleta de pensamentos profundos sobre o sentido da vida, o papel do destino, as delícias e as dores do amor romântico e, principalmente, a solidão – o fio condutor e um espelho de nós mesmos, responsável pela verossimilhança dos personagens. O romance nos força a um mergulho nas agruras que tornam nossa espécie mais humana.

KAFKA À BEIRA-MAR

Meu Murakami preferido transita entre o universo pop do Japão e a tragédia grega. Kafka Tamura é um jovem de 15 anos que foge da casa do pai para escapar de uma terrível profecia. Em busca da mãe e da irmã, desaparecidas desde sua infância, Kafka segue sem rumo e cruza em seu caminho com Satoru Nakata, um homem idoso que desenvolveu poderes sobrenaturais. É considerado pelos fãs do escritor seu romance mais ambicioso, uma das obras mais surpreendentes da literatura contemporânea.



NORWEGIAN WOOD

Outro favorito dos fãs tem o título emprestado de uma canção dos Beatles, passa-se no Japão da década de 1960, quando o país acelerava sua reconstrução, e conta a trajetória do jovem Toru Watanabe. Como a maioria dos personagens masculinos do escritor, Toru tem as válvulas de escape emocionais entupidas e vive angustiado com questões filosóficas. Ele se envolve com uma estudante progressista e com uma mulher mais velha, em encontros e cenários da agitada Tóquio e de alguns dos lugares mais bucólicos da ilha, como a “floresta dos suicidas”. A geração esputinique é confrontada com o retrocesso que viria em relação aos ideais perseguidos e aos tabus quebrados durante as décadas de 1960 e 70, reagindo ora apática, ora intensamente, ao som de heróis musicais do japonês, como Miles David, Bill Evans e, claro, The Beatles.

TRILOGIA IQ84

Um dos ápices de criatividade da obra de Murakami, como título sugere, uma homenagem à distopia de George Orwell. Aomane, a personagem principal, é uma das mais carismáticas já criadas pelo escritor. Professora de artes marciais e assassina profissional, ela vive de maneira independente, completamente fora dos padrões machistas estabelecidos pela cultura japonesa. Em um universo quase paralelo, o sensível Tengo, um professor de matemática que aspira a se tornar escritor, está ocupado em reescrever o romance *Crisálida de Ar*, criado por uma misteriosa garota de 17 anos. As



narrativas se entrelaçam quando os personagens atravessam portais que levam a um “admirável mundo novo” fora da aldeia global japonesa.



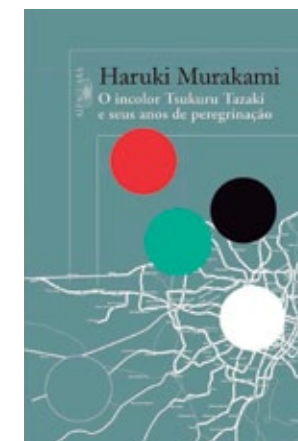
SONO

Após 17 dias sem dormir, uma mulher, cuja vida perfeita incluía um marido e um filho “normais”, reflete sobre suas escolhas, em uma jornada de autoconhecimento que a levará a tomar decisões e continuar a viver na condição de insone. Nos anos em que dormia normalmente, a protagonista funcionava no piloto automático, como motor de uma rotina que servia de apoio ao marido bem-sucedido. Ao deixar de dormir, o mundo real, repleto de sombras, hipóteses e caminhos possíveis, se revelou. Para permanecer nele, ela nunca mais pode fechar os olhos.

Como motor de uma rotina que servia de apoio ao marido bem-sucedido. Ao deixar de dormir, o mundo real, repleto de sombras, hipóteses e caminhos possíveis, se revelou. Para permanecer nele, ela nunca mais pode fechar os olhos.

O INCOLOR TSUKURU TAZAKI E SEUS ANOS DE PEREGRINAÇÃO

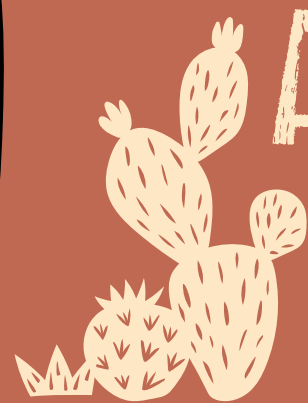
O livro, que por pouco tenho autografado pelo autor, conta a história de Tsukuru Tazaki, um engenheiro que habita Tóquio, responsável pela construção e manutenção dos trens da megalópole. Como a maioria dos personagens de Murakami, Tazaki é solitário e carrega um trauma. Rejeitado pelos amigos quando morava em Nagoia, vive uma vida insossa e sem cor, como se estivesse impedido de ser feliz por não entender o motivo do abandono. Incentivado por uma amiga, ele retorna à sua cidade natal para confrontar os amigos e, enquanto mergulha em suas próprias reflexões (muitas vezes, baseadas em sonhos e realidades paralelas), começa a encontrar respostas que estavam dentro dele mesmo.



Confira em nossa plataforma (revistaunquiet.com.br) a matéria completa, incluindo as resenhas de outras obras, como *Caçando Carneiros*, *Dance Dance Dance*, *Crônica do Pássaro de Corda*, *Homens sem Mulheres* e *o Elefante Desaparece*. 📍



BRASIL



VIAGEM
AO SERTÃO

ARTE



O REALISMO FANTÁSTICO DA ILHA DO FERRO

Alagoas é um dos estados mais surpreendentes e belos do Brasil. Esse pequeno estado no Nordeste, que possui praias de tirar o fôlego, agora também encanta o visitante aventureiro muito além do litoral

TEXTO FRANÇOIS CORREIA
FOTOS RICARDO LÊDO





Nasci em Alagoas, esse tesouro do Nordeste brasileiro, e desejava reencontrar minhas raízes. Da capital, Maceió, decidi ir até os confins do estado, onde a arte iria me informar sobre mim mesmo – assim pensei. A aventura de autoconhecimento me levou até Ilha do Ferro e foi repleta de momentos cinematográficos. Quatro horas de estrada revelaram horizontes intermináveis, vaqueiros paramentados com couro e adereços “lampiõesco” e vilarejos pitorescos. Como se estivesse imerso em um filme, o olhar já estava alimentado pela beleza do lugar!

Ao desembarcar na Ilha do Ferro, mergulhei na atmosfera autenticamente alagoana. Esse “povoado-ilha”, às margens do Rio São Francisco, tem uma história rica, que se reflete na cultura local. Os locais me contam que aqui, na altura do vilarejo, barcos de ferro ficavam encalhados às margens do rio, e seus tripulantes, “ilhados” no povoado, daí o nome “Ilha do Ferro”. Real ou imaginário? Não importa. Com cerca de 500 habitantes, de sorrisos largos e hospitalidade calorosa, chegar aqui foi emocionante. As crianças brincavam nas ruas, num aceno à vida descomplicada e cheia de curiosidade: “Ô, moço, de onde é que você vem?”, perguntavam. Eu comecei a sorrir largo também, encantado com a autenticidade do povoado e sua gente.

TALENTO DE BERÇO

A arte da Ilha conta histórias. Aliás, por que será que há tantos artistas no povoado? Bem, a resposta que mais ouvi foi: “Talentos de berço da nossa gente”, alinhado à oportunidade e à resiliência. Afinal, no sertão, tempos difíceis precisam de criatividade para a sobrevivência e o que não falta por aqui é criatividade. Com o tempo, a prática local de fazer “coisas novas” e “inventar moda” com pedaços de madeira, tintas e galhos retorcidos virou arte aos olhos dos visitantes, em parte graças ao projeto Alagoas Feito à Mão.

Acima, a corrida de canoas a vela, típica da região do Baixo São Francisco. Na página ao lado, a fachada do ateliê do artista Dedé ao entardecer





Sob o intenso luar das noites do sertão, o ateliê do Mestre Petrônio é um santuário à criatividade



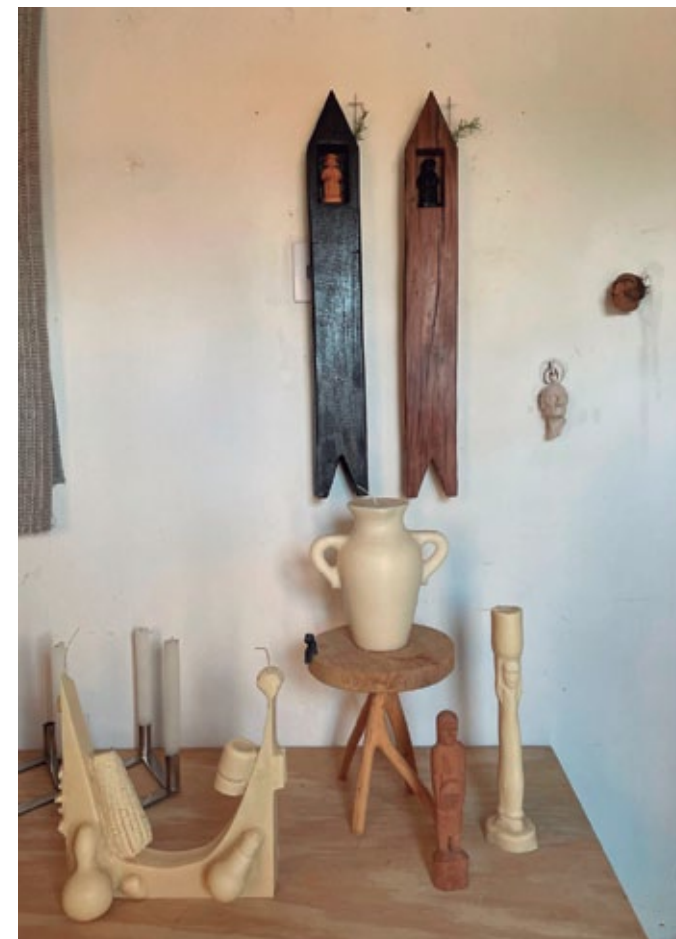
Ir de ateliê em ateliê é de uma beleza e, posso dizer, até de certa espiritualidade mágica – há um repertório enorme de histórias fantásticas e coisas lindas para ver. O Nordeste é comovente por aqui. A criatividade começou a chamar tanto a atenção que artistas de Maceió resolveram realizar trocas de conhecimento com os artistas do povoado. Dalton Costa e Maria Amelia Vieira, da Galeria Karandash, da capital, promovem ações culturais, como o Barco Museu Karandash, levando arte aos povos ribeirinhos.

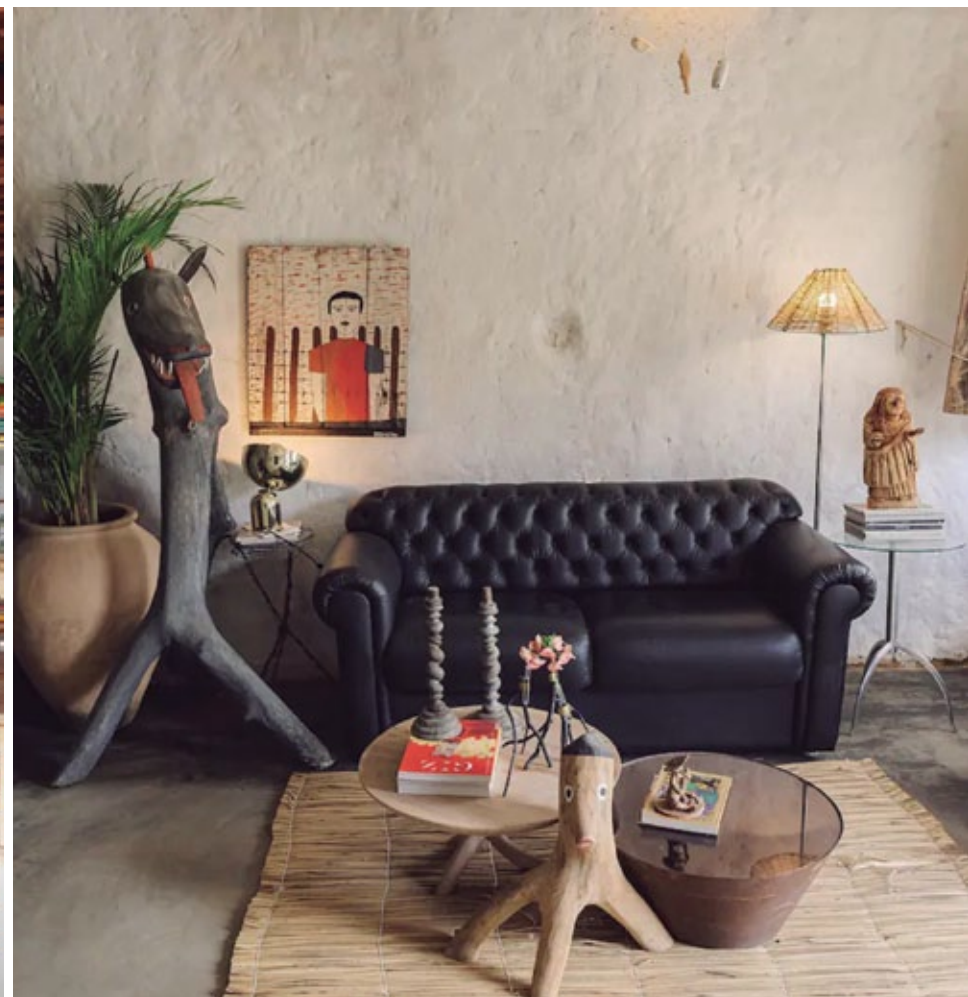
As obras de Vavan, Cicero Alves, Clemilton e tantos outros artistas locais são verdadeiros “contos em madeira” e o bate-papo com os artistas, sempre presentes, é divertido e informativo. Cada visita aos ateliês e espaços de arte é uma experiência sensorial única – rola até sanfona!

Pertinho da Ilha, em Belo Monte, uma visita ao artista Jasson é sensacional – as carrancas são incríveis, assim como suas cadeiras, cheias de detalhes. Imperdíveis também são a arte de Aberaldo Lima e uma visita ao interessante Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos, que congrega bancos, artefatos, bonecas e bordados. Patrimônio do vilarejo, o belo bordado boa-noite é inspirado em uma flor endêmica da região.

Às margens do Rio São Francisco, a Ilha do Ferro tem sua história contada por meio da arte local

Acima, a charmosa casa de Ninho, com fachada de cor “rosa-maria-bonita” tem vista para o Rio São Francisco. Na página ao lado, em sentido horário, obras na DOM Galeria, a folia do Carnaval do Bloco Barca Louca, peças de artistas locais e a fachada de taipa da DOM Hospedaria





UMA EXPERIÊNCIA GASTRONÔMICA

A gastronomia na região é uma imersão! Mesmo sem restaurantes na Ilha do Ferro, o Bar Salão oferece quitutes sertanejos e drinques gelados. Em Piranhas, o Nalva Cozinha Autoral, do *chef* Antônio Mendes, eleva os sabores alagoanos a um patamar mais charmoso. Provei pratos incríveis, desde pescados frescos até o delicioso *hot bode* em pão de macaxeira.

As noites estreladas são embaladas pelo forró e pelas serenatas. A música, de alta qualidade, preenche as ruas, e o Bar Salão se torna o ponto de encontro para dançar e aproveitar a brisa fresca, que acalma o calor.

PLATIBANDAS E CÂNIONS

As casas por aqui são verdadeiras obras de arte, repletas de móveis que contam histórias e tradições ancestrais. A Casa Ninho, do fotógrafo Ricardo Lêdo, é um exemplo das muitas opções de hospitalidade. Suas paredes rosa e a varanda com vista para o rio são um deleite e se confundem com o céu aquarelado da Ilha. Emocionante.

Já a DOM Hospedaria, parte do projeto Dom Ga-

leria, do arquiteto Rafael Brandão, tem muito *borogodó*. Uma casa linda com design que apresenta o mobiliário local, a DOM é uma hospedagem descolada. Eu me senti como o pássaro *joão-de-barro*, vivendo no meu “ninho aconchego de taipa”, a técnica de construção em barro usada na casa, numa rara oportunidade de vivenciar a arquitetura vernacular do sertão.

As Casas Ilha do Ferro são como minigalerias de arte. As casas possuem identidades e design de interior singulares. Com uma bela curadoria de mobiliário, elas são em si mesmas uma experiência cheia de romantismo. Uma atividade obrigatória da visita é ficar nas cadeiras de balanço, olhando o passar dos carros-de-boi, da vida e dos pensamentos – no mesmo fluxo gentil do rio.

Cada momento na Ilha é uma imersão na beleza autêntica e na riqueza cultural do nosso Brasil singular. Ao pensar na Ilha do Ferro, lembro-me de versos que descrevem tão bem o sertão. E aqui, nesse pedaço de paraíso, onde reencontrei a minha ancestralidade, sei que o sertão não “virou mar”: virou arte. E que arte esplêndida!

Acima, o interior repleto de peças artísticas da Casa Estrelinha, parte das Casas Ilha do Ferro e um dos ambientes da DOM Hospedaria. Na página ao lado, área externa da Casa Estrelinha



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

CULTURA

Ladakh

ESTRADA PARA O CÉU

A região da Índia conhecida como um “ponto de encontro entre o céu e a terra” é palco de uma jornada transcendental pela cultura do budismo tibetano e do autoconhecimento

TEXTO E FOTOS LUIGI DIAS





universo é feito de histórias, e não de átomos”, aponta, brilhantemente, a escritora norte-americana Muriel Rukeyser em seu poema *The Speed of Darkness*.

Uma dessas histórias, que ecoa pelos quatro cantos do planeta, é a de Jesus, que, em seus anos esquecidos pelos evangelhos, teria encontrado refúgio no Monastério de Hemis, encravado nas montanhas do extremo norte da Índia, onde estudou os ensinamentos budistas antes de levá-los consigo para a Palestina, já próximo do crepúsculo de sua vida.

Por mais improvável que soe, essa narrativa fascinante nos lembra que sempre haverá espaço para histórias que nos transportem para uma realidade fantástica, elevando-nos acima do cotidiano e nos fazendo sonhar.

Foi atravessando recantos remotos por entre os picos majestosos da enigmática região de Ladakh, navegando por entre desfiladeiros ameaçadores e planaltos eternos, acariados pelo vento, que embarquei numa busca por sentido e solitude, na tentativa de escrever mais um capítulo de minha própria história.

Cada passo foi uma oportunidade de me conectar com a minha própria essência e com a grandiosidade do universo ao meu redor. Nesse refúgio encantado, onde o tempo é medido pela luz do Sol e pelas marés do espírito, mergulhei na essência de um lugar onde a natureza selvagem se mescla em harmonia com a sensibilidade profunda e rebuscada do budismo tibetano.

As imagens aqui impressas capturam momentos efêmeros, mas repletos de significado, que ilustram a magnitude e a serenidade que permeiam esse território histórico, impregnado de influências culturais e étnicas predominantemente tibetanas.

Imagem de Buda Maitreya, no Monastério de Thiksey, em Leh. Na página ao lado, monges contemplam o Vale do Indo no mesmo monastério





O PEQUENO TIBETE

Comenta-se que em Leh, a minúscula capital de Ladakh, de apenas 30 mil habitantes, a cultura tibetana é mais conservada que no próprio Tibete. Essa faceta se deve, em parte, ao fato de ser uma região de difícil acesso, isolada do resto do mundo por quase oito meses seguidos de neve e frio extremos – tornando-se alcançável apenas por via aérea. Afastados também das amarras ideológicas da China, os povos de Ladakh se sentem livres para expressar e praticar sua fé sem receios.

Diferentemente dos países do Sudeste Asiático, como o Camboja (praticante da linhagem budista theravada) –, Ladakh viu florescer o budismo da corrente mahayana no século V.

Ao contrário do theravada, a mais antiga entre as escolas budistas sobreviventes, em que Buda é uma figura histórica, a tradição mahayana nos conta de um Buda que se iluminou muitas vidas antes e cuja consciência se manifestou em diferentes reinos após a sua morte, e nas mais variadas formas – o que explica a profusão de imagens com numerosos braços, rostos e pernas, que habitam os mais de 100 mosteiros espalhados pelas encostas escarpadas de Ladakh.

**Ladakh é
um refúgio
encantado,
onde o tempo
é medido pela
luz do Sol
e pelas marés
do espírito**

Acima, o Monastério de Thiksey, na vila Thiksey. Na página ao lado, uma das ruas de Leh, capital de Ladakh, e fiéis que participam do Festival de Hemis

O MONASTÉRIO DE THIKSEY

Se tudo em Ladakh é superlativo, épico e esmagador, é apenas nos mosteiros sagrados, onde a busca por um entendimento maior e mais amplo da região se torna palpável. Nesses verdadeiros oásis da alma, senti-me envolvido por um silêncio profundo, penetrado por todo mantra entoado, lembrando-me a cada segundo que a jornada interior é tão importante quanto a exploração externa.

Dos mosteiros espalhados pelas encostas de Ladakh, o Sumda Chun, construído no século XI, talvez seja o mais importante sobrevivente dos primórdios do budismo tibetano. De difícil acesso e ainda mais afastado que o Monastério de Alchi, mas tão antigo quanto, Sumda Chun é frequentado apenas por um punhado de monges, que encontram no seu isolamento a paz necessária para as suas preces.

Mas se Sumda Chun surpreende por sua aura soturna e enigmática, o Monastério de Thiksey encanta pela grandiosidade e pela beleza de sua arquitetura, que nos faz lembrar o Palácio de Potala, em Lhassa, Tibete.

Do topo de Thiksey, avistamos as planícies inundadas do espetacular Vale do Indo, o Monastério de Matho (a leste), o Palácio Real de Stok (ao sul) e o antigo palácio real em Shey (a oeste).

Uma visita ao Monastério de Thiksey, antes do amanhecer, a fim de acompanhar o início das preces, está entre uma das experiências mais encantadoras da minha vida.

O Monastério Diskit,
encravado na paisagem
árida do Vale de Nubra





FESTIVAL DE HEMIS

De todas as festas religiosas que acontecem em Ladakh nos meses mais quentes, entre abril e agosto, talvez o Festival de Hemis seja o maior e mais emblemático. Os festejos, que duram dois dias e são dedicados ao guru Rinpoche, o fundador da escola budista tibetana, começam bem cedo, pela manhã, no pátio retangular do milenar Monastério de Hemis, situado a quase 4 mil metros de altura, em meio a gigantescas montanhas de pedra, salpicadas de minúsculos vilarejos – de onde descem os habitantes das tribos ladaquianas, à procura de bênção e proteção contra as forças do mal.

O festival impressiona pela ancestralidade de seus sons e danças, que nos arremessam sem escalas para outra dimensão. Só estando lá para entender – totalmente desnordeado pelo sol causticante do Himalaia e pelo poderoso chamado das *dung chen*, as longas cornetas tibetanas.

ON THE ROAD

É preciso se movimentar. Deixar as certezas e o conforto da cidade para trás e seguir em frente. Se o ar rarefeito e as longas distâncias parecem invencíveis, saiba que é apenas atravessando a região pelas suas estradas empoeiradas, e muitas vezes invisíveis, que se consegue criar o mapa da grandiosidade de Ladakh.

Para alcançar um dos destinos mais representativos da região, seguimos pela Khardung La, a mais alta rodovia do planeta, a cerca de 5,6 mil metros de altitude, onde literalmente perde-se o fôlego.

Avançando por entre geleiras eternas e um céu azul-marinho, que parece desabar sobre a nossa cabeça, temos a sensação de que chegamos ao topo do mundo. E, como se o sentimento inebriante de vitória já não fosse o suficiente, nada pode nos preparar para o que vem a seguir.



Acima, vista da cidade de Leh. Na página ao lado, ladaquianos dançam caracterizados no Festival de Hemis

O VALE DE NUBRA

Esparramado entre as exuberantes montanhas do Himalaia e seus picos nevados, estende-se o Vale de Nubra, considerado, sem exageros, a região mais linda do planeta.

Estar diante das paisagens acachapantes de Nubra é uma experiência sinestésica na mais simples e clara acepção do termo: ouvimos suas cores, enxergamos seus sons, nos empanturramos de suas belezas. São paisagens que se estendem como pinturas vivas, revelando uma paleta de cores que transcendem a imaginação. Cordilheiras nevadas, que se erguem orgulhosas, como as guardiãs eternas de um segredo ancestral, e permeadas por monastérios milenares, onde a alma vislumbra a sua morada e se conecta com a grandeza do universo.

É nesse cenário transcendental que encontro o povo de Ladakh, cujos rostos traduzem uma sabedoria acumulada ao longo de séculos. Homens e mulheres que encontraram uma ligação íntima com a natureza e abraçaram a simplicidade como uma dádiva divina. As roupas puídas e os sorrisos sinceros revelam a alegria que reside no coração de uma comunidade unida pela compaixão e pelo compartilhamento de valores nobres.

EPÍLOGO

Conta-se que Ladakh é o exato ponto de contato entre o céu e a terra – o paraíso divino ao alcance das mãos. Eu não duvido. São essas as histórias em que escolhemos acreditar, que nos tornam aquilo que somos. Afinal, somos todos feitos de histórias.



HOSPITALIDADE

Leh, a capital de Ladakh, oferece opções de hospedagem para todos os gostos.

O luxuoso Stok Palace Hotel, por exemplo, pode proporcionar uma experiência fantástica por si só, mas está um pouco afastado do centro, o que deve ser considerado se você pretende se deslocar a pé. Por outro lado, o The G Residence, bem mais simples, localiza-se no topo de uma colina de pedra, a apenas dez minutos do Leh Market, uma pequena rua em forma de L, onde a maioria das lojas e dos restaurantes se concentra.

No entanto, é importante observar que, ao viajar por Ladakh, será necessário se hospedar em uma das poucas residências populares espalhadas pela região, que recentemente foram equipadas com painéis de energia solar.

A partir de Leh é possível chegar de carro aos templos de Thiksey e Hemis, sem a necessidade de se hospedar num vilarejo mais próximo, embora

essa também possa ser uma experiência tentadora.

O Green Valley Homestay, localizado no vilarejo de Sumoor, é uma excelente opção nesse vale, próximo aos monastérios de Diskit e Ensa.

De Nubra a Leh, atravessando a majestosa Wari la Pass, a mais de 5 mil metros de altitude, a quarta estrada mais alta do mundo, você chegará ao minúsculo vilarejo de Teri, composto de duas casas. Foi lá que me hospedei, na Cho House Ecostay, talvez o momento mais acolhedor de toda a minha viagem, traçada pela Mountain Homestays.

A Mountain Homestays é uma iniciativa de turismo rural dedicada a criar experiências imersivas excepcionais para viajantes, facilitando o acesso a regiões montanhosas e remotas de Ladakh para a exploração. Ela oferece um profundo mergulho na cultura local, com um compromisso com a sustentabilidade, ao selecionar cuidadosamente suas *homestays* nas comunidades indígenas.

Acima, em sentido horário, o Monastério de Matho, detalhe da decoração do Teri Homestay e acomodação do Gangles Homestay. Na página ao lado, Luigi Dias à mesa do Sumur Homestay

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ARTE

Um novo olhar sobre Miami

*Novos museus, coleções privadas, street art
e um ambiente muito acolhedor para novas
tendências e culturas fazem dessa cidade
da Flórida um novo must da rota da arte
contemporânea mundial*

POR NATHALIA HEIN





É difícil imaginar uma cidade que passou por um *rebranding* maior do que Miami nas últimas duas décadas. Ficaram para trás os clichês, os neons e os edifícios art déco da Ocean Drive, a sensação perene de estar em um imenso *mall*, cercado por palmeiras e adornados por flamingos rosa-choque, e todos os outros estereótipos que marcaram Miami até o início dos anos 2000. Essa vibe, claro, ainda está ali, mas só para quem quiser viver a aura retrô-decadente sem preconceitos.

A maioria das pessoas hoje procura Miami com outros olhos e outros anseios. Além de ser um *hub* inevitável para centenas de destinos nos Estados Unidos – em especial, Orlando (quem nunca?) – e no Caribe, a cidade deu vazão a sua faceta mais interessante ao se levantar como uma metrópole que esbanja novidades nos campos da arquitetura, gastronomia, multiculturalidade e hotelaria de ponta. E que, acima de tudo, respira arte.

CRIATIVIDADE EMERGENTE

O movimento artístico na cidade nasceu de forma tímida e autoral. Novos artistas, galeristas e talentos de diversas áreas encontraram nessa imensa cidade ensolarada espaços e a luz certa para criar e bri-

Acima, a impressionante estrutura do Pérez Art Museum às margens da Biscayne Bay. Na página ao lado, quadro da exposição *The South American Dream*, da brasileira Marcela Cantuária no mesmo museu





Acima, vista sobre o complexo de piscinas e o *beach club* do Acqualina Resort & Spa, um clássico atemporal em Miami. Na página ao lado, sala com obras da mostra *Public Enemy*, de Gary Simmons, no Pérez Art Museum

lhar. E a cidade, ciente de que jamais teria como se equiparar a centros culturais mundiais com acervos que abrangem o cânone histórico da arte, como Nova York, Paris e Londres, apoiou a arte contemporânea proveniente de produções locais, do Caribe e de Cuba, entre outros, que se lançava ali de forma gentil e acolhedora.

Um dos primeiros passos para a renovação aconteceu com a primeira edição da Art Basel Miami, em 2002. Trata-se de um dos principais eventos de arte moderna e contemporânea, que todos os anos, no mês de dezembro, reúne centenas de expositores, compradores e entusiastas, numa explosão de tendências. Mas não é preciso esperar a feira para se surpreender com o potencial de Miami. Basta traçar uma rota certa de museus, galerias e destaques que mais se combinam com o gosto pessoal: há uma imensa variedade de estímulos e estilos em cada proposta. Eu escolhi dividir minha incursão em vários dias, alternando arte e gastronomia de alta qualidade na mesma proporção – posso afirmar, com certeza, que a dobradinha é perfeita.

Hospedada em uma das imensas suítes do Acqualina Resort & Residences – quando eu digo imensa, leia-se um apartamento completo, com amplos ambientes e uma enorme varanda debruçada sobre a praia –, aproveitei o primeiro dia e o clima (quase sempre) agradável da Flórida para curtir o hotel. Membro da Leading Hotels of the World, e um dos mais aclamados da cidade, o Acqualina é um clássico, que fica em Sunny Isles (uma região que escapa do perímetro do distrito de Miami), e, ao lado de Bal Harbour e Surfside, se destaca como um *hotspot* de hotelaria de alto padrão, grandes e caros empreendimentos



imobiliários, ótimos restaurantes e um clima perene de *barefoot chic* na brisa do mar e dos canais.

Entre os mimos do serviço de praia e de piscina e do excepcional spa – que conta em seus diferenciais, além de tratamentos *signature*, com uma estrutura de saunas, paredes feitas de sal do Himalaia e fontes geladas –, me preparei para o meu primeiro contato com as instalações daquele que é hoje conhecido como o principal museu da cidade.

JANELA CULTURAL

Em Biscayne Bay, o Pérez Art Museum (Pamm) é um monumento à arquitetura e à arte contemporânea, cuja estrutura, projetada pelo escritório suíço Herzog & de Meuron, impressiona por si só. A coleção permanente inclui nomes como Gerhard Richter, Sam Gilliam e Rashid Johnson, além de dar amplo destaque à arte do Caribe e da América Latina, na tentativa de exaltar a riqueza cultural da região. O museu também é conhecido por proporcionar mostras e retrospectivas, como a de Leandro Ehrlich, e obras experimentais de nomes como Carlos Cruz-Diez e Yayoi Kusama.

O impacto dessa multiculturalidade preenche boa parte do dia, e uma forma de terminá-lo é jantar em um dos restaurantes do complexo do Acqualina, entre eles o excelente oriental Ke-hU, cujo frescor dos peixes reflete seu grande sucesso, e o excepcional Il Mulino New York, um italiano listado entre os mais disputados da Big Apple e que fez morada e fama com a unidade dentro do Acqualina, com suas massas e seus pratos clássicos.

Novos artistas, colecionadores e galeristas encontraram em Miami espaço para criar e brilhar



Acima, um dos destaques da cena artística de Miami são os grafites de Wywood e o museu a céu aberto de Wynwood Walls. Na página página ao lado, visa aérea sobre o bairro

ARTE DE RUA

Uma vez afastado do centro da cidade, onde, aliás, a Brickell também desponta como um grande centro comercial e de tendências, é preciso estar preparado para alguns longos deslocamentos de carro. Mas a ida até Wynwood Walls é tão excitante que o tempo em trânsito passa voando. Isso porque é ali que vibra um dos símbolos culturais mais pujantes da faceta artística que projetou Miami nessa seara. Trata-se de um quadrilátero, hoje convertido em um museu a céu aberto, onde as paredes, com grandes grafites, são as protagonistas e servem de fundo

para as *selfies* dos visitantes, que se aglomeram. O bairro, antes um distrito perigoso e hostil, é hoje a perfeita tradução da *street art*: fora obras consagradas, como trabalhos assinados por nomes como Os Gêmeos e Shepard Fairey, mais conhecido como Obey, que assina *Hope*, um retrato de Barack Obama, os murais vivem em constante transformação, com novas obras sobrepondo as antigas de tempos em tempos. Hoje há mais de 70 galerias na região e uma profusão de manifestações que atestam a veia inclusiva e plural dessa corrente artística, que pulsa na cidade.

ARTE DE FAMÍLIA

Não muito distante, no emergente bairro de Allapattah, a mudança drástica de cenário parece completar o meu dia. Isso porque, diretamente dos vibrantes murais e grafites de Wynwood, fui transportada o que parece ser o sonho de todo entusiasta de arte contemporânea: o novíssimo Rubell Museum, um enorme armazém convertido em museu, concentra um dos principais acervos de arte privada do mundo. De propriedade de Mera e Don Rubell, ele é de longe a maior coleção de arte contemporânea do sul da Flórida, num vasto ar-

quivo de família, dos anos 1960 em diante.

Os jardins da propriedade antecipam o clima sofisticado e minimalista do museu, cujo silêncio parece dar voz às obras que tomam as galerias. Logo na entrada, um corredor de esferas espelhadas de Yayoi Kusama (que, aliás, mantém outras duas salas interativas no museu) me convida a transitar pelos amplos ambientes, repletos de peças de artistas como Jeff Koons e Sterling Ruby, além de uma galeria semelhante a um santuário para Keith Haring. Não há nada de sistemático no roteiro: uma das coisas que mais me agradaram foi a liberdade



Acima, a obra *DOB in The Strange Forest*, de Takashi Murakami, no Rubell Museum, e o casal de colecionadores Don e Mera Rubell. Na página ao lado, o quadro *Sleep* do pintor Kehindle Wiley, no mesmo museu

de percorrer as salas sem nenhuma necessidade de seguir uma rota cronológica. Em um momento eu me encontrava frente a frente com um Basquiat, em outro diante de uma obra de Takashi Murakami ou de Yoshitomo Nara. Eis um tour perfeito, apenas pelo simples prazer de observar e aprender com a notável produção de grandes artistas dos últimos 50 anos. Quem quiser esticar a estada pode consultar a completa biblioteca do museu (com agendamento) ou ainda engatar um almoço descolado no Leku, o restaurante badalado do museu.

ARTE FUTURISTA

Do outro lado da rua, um enorme bloco chama a atenção e dá a dica de que o bairro está em franco crescimento cultural. O Superblue, aberto há pouco mais de dois anos, é um espaço de arte imersiva e experimental, que reúne projeções, telas, hologramas e nuvens artificiais num espaço futurista.

Eu não fui dessa vez, mas quem conhece acha muito interessante, inclusive para visitar com crianças devido aos “efeitos mágicos” propostos.

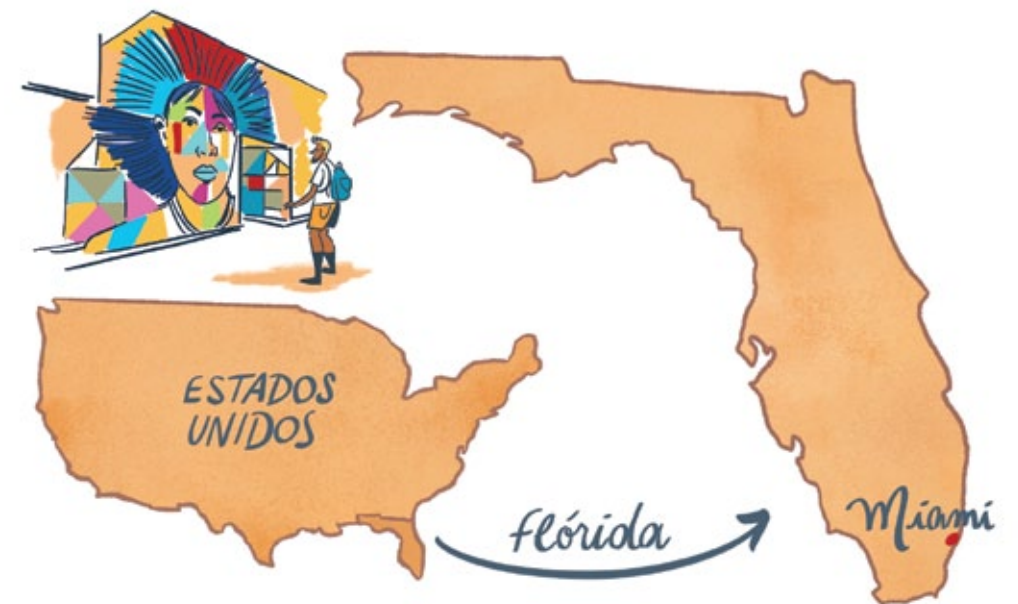
Direto de Allapattah, me surpreendi – mais do que isso, fiquei de queixo caído – ao me deparar com a nova aparência do Design District. Sem visitar o bairro havia mais de cinco anos, quase não reconheci suas ruas, que agora ostentam lojas de grandes grifes internacionais, com fachadas imponentes, restaurantes sofisticados – muitos deles veganos, saudáveis e orgânicos, uma nova tendência da gastronomia na região – e um clima meio Rodeo Drive que paira no ar.

Por ali, o Sofia é um restaurante italiano contemporâneo com mesinhas sob enormes ombrelones e pratos que trafegam pela cozinha napolitana, romana e francesa. Ele é tido entre os melhores da cidade. Incrível e ótima pedida para arejar a cabeça depois da profusão de informações que as obras de arte impõem.

Na mesma noite, outro ótimo restaurante mediterrâneo, também consagrado em Nova York, o Avra integra o complexo das residências do Acqualina e oferece uma experiência muito especial, com direito

a uma vitrine de peixes e frutos do mar, que podem ser escolhidos ali mesmo pelo comensal, além de desfiar um cardápio de outras delícias, especialmente de inspiração grega. Memorável.

Há muito ainda para ver na cidade. Eu particularmente ainda tenho um roteiro repleto para uma próxima vez, incluindo o The Bass, o Lowe Art Museum e o Locust Project. Afinal, Miami não para de se transformar e acolher novos movimentos, cores e expressões, que tanto colorem e alegrem seu skyline. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPORTE

YELLOWSTONE

*O primeiro parque nacional do mundo
abriga a herança pujante do Velho Oeste
norte-americano, paisagens dramáticas,
uma vida selvagem latente e um
sem-fim de atrações esportivas*

POR FLAVIA VITORINO





A herança do Velho Oeste selvagem permeia o imaginário coletivo por meio de muitos traços e cenários da cultura do país e, mais recentemente, como tema frequente de novos lançamentos hollywoodianos. Muito explorados nos anos 1950 e 60, dilemas como disputas de terras, herança indígena e natureza intocada voltam a ganhar destaque nas grandes produções.

Talvez porque a gama impressionante de ambientes naturais, desde o deserto, com seus tons terrosos e avermelhados, até as majestosas Cordilheiras de Grand Teton e Yellowstone, proporciona mesmo uma tela perfeita para contar histórias, capturando a beleza e a serenidade da natureza em toda a sua grandeza cinematográfica.

MITOS E CAUBÓIS
Localizado entre os estados de Montana e Utah, a história de Wyoming

é entrelaçada com os mitos e a realidade do Velho Oeste. No século XIX, as trilhas de gado cortavam sua paisagem, trazendo consigo a aura dos caubóis e vaqueiros, cuja presença moldou a cultura e o estilo de vida locais. O estado foi palco de eventos marcantes, da chegada dos chamados pioneiros, que buscavam ouro, à expansão ferroviária que conectou o leste e o oeste dos Estados Unidos.

Mesmo após tantos anos, o primeiro parque nacional do mundo ainda se ergue majestoso, mantendo seu apelo duradouro: uma vasta tela do oeste norte-americano intocada. O Yellowstone National Park é um convite à exploração de suas trilhas e um paraíso para os entusiastas de *trekking* de todos os níveis. Suas terras e águas, florestas e pradarias, vida selvagem e fenômenos geotérmicos oferecem experiências de vivência que parecem nos transportar para um passado e

O Rio Yellowstone serpenteia pelas paredes do Grand Canyon, um dos pontos mais impressionantes do parque



um mundo distantes, esperando para serem explorados passo a passo.

São mais de 1,8 mil quilômetros de trilhas abertas e mapeadas, incluindo algumas que estão em uso há centenas de anos. Imagine essa vasta opção dentro de um cenário designado como Reserva da Biosfera e Patrimônio Mundial da Unesco: a área total do parque surpreende. São 2.219.789 acres e 9 mil quilômetros quadrados de extensão, na intersecção de Idaho, Montana e Wyoming, com a maior parte de sua área no Wyoming.

Além de toda a fachada imponente, Yellowstone é um verdadeiro laboratório geológico a céu aberto. É um dos poucos lugares na Terra onde se pode caminhar entre entranhas vulcânicas expostas, evidenciando uma paisagem em constante transformação. São três caldeiras, formadas de erupções vulcânicas há 2,1 milhões, 1,3 milhão e 640 mil anos, respectivamente, e uma densa população de mamíferos, incluindo rebanhos de bisões e alces e grandes predadores, como lobos e ursos, muitos ursos.

EXPLORAR É PRECISO

Conhecer o parque em sua totalidade de atrativos e belezas requer tempo, logística e organização. A começar pelo período de visitação. As melhores épocas do ano para conhecê-lo são a primavera e o outono. Isso porque no inverno muitos atrativos estão limitados, com trilhas e estradas fechadas, e no verão as temperaturas são altas e o parque fica muito mais cheio: dos 4 milhões de visitantes que Yellowstone recebe por ano, 70% chegam no verão. Também é preciso reservar pelo menos quatro dias para explorar as trilhas, o que vai garantir vivenciar as principais maravilhas de lá, começando pelas trilhas que envolvem os gêiseros, na região de Old Faithful, um dos mais famosos e previsíveis do mundo, cuja estrutura comporta milhares de visitantes dispostos a apreciar o fenômeno diariamente.

E é aí que começa a aventura. Ao sair pedalando de *mountain bike* a partir desse ponto, é possível ir a Fairy Falls Trail, deixar a bicicleta e

O Yellowstone National Park é um paraíso para entusiastas de *trekking* de todos os níveis, com mais de 1,8 mil quilômetros de trilhas

Acima, um urso-pardo com dois filhotes: a espécie é abundante no parque. Na página ao lado, uma das quedas no curso do Rio Yellowstone



As trilhas que envolvem os gêiseres garantem vivenciar as principais maravilhas do parque

Ao lado, as fascinantes cores do Gêiser Grand Prismatic

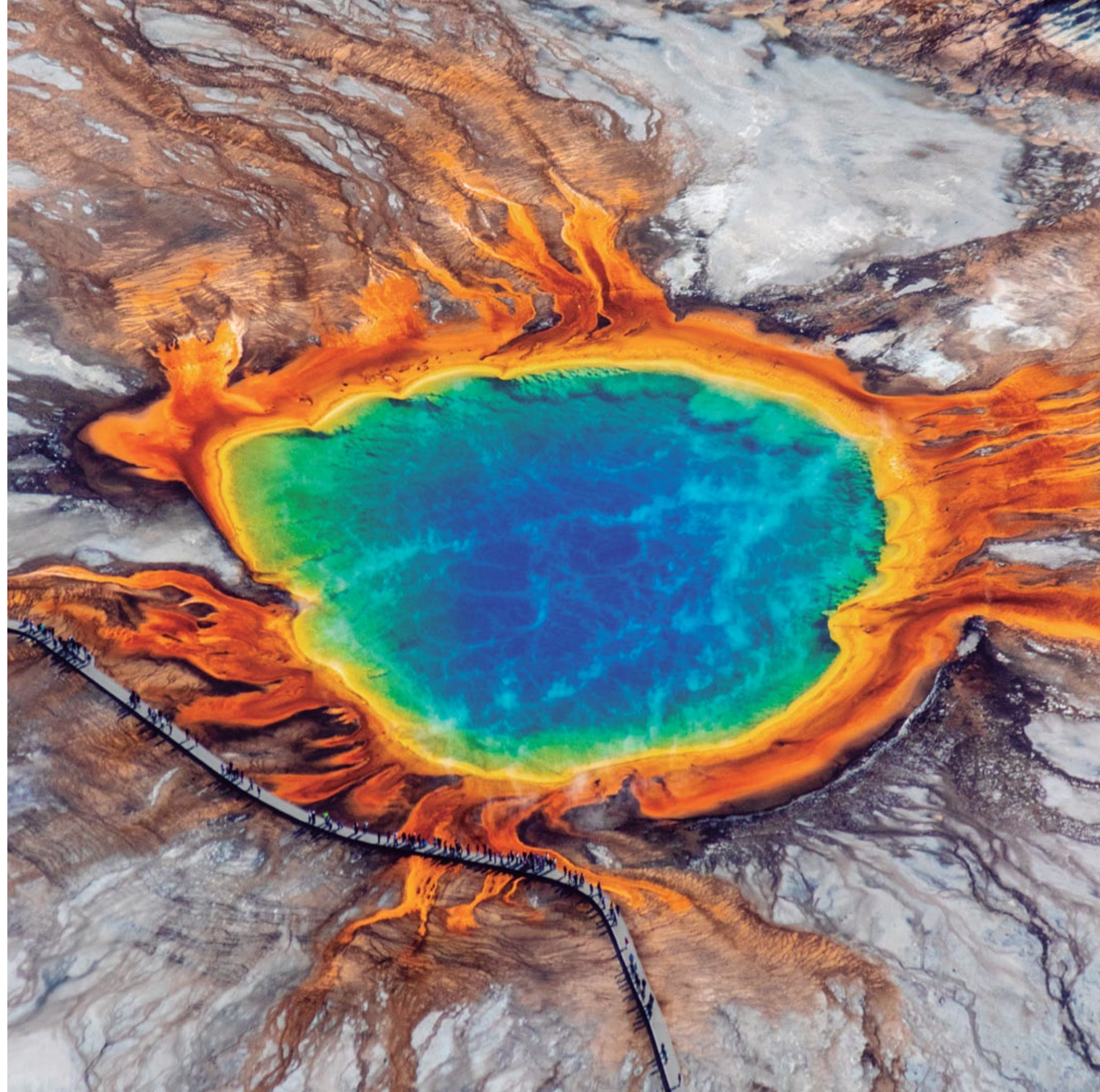
começar uma caminhada de cerca de 5 km, com o terreno levemente acidentado, em trechos ora abertos, ora fechados pela vegetação dominante, com destinos como o Gêiser Grand Prismatic, uma mistura de cores saturadas, entre azul-turquesa, vermelho, amarelo e laranja. Inacreditável! A trilha leva a um ponto de onde se tem uma visão privilegiada, acima da montanha, sendo possível avistá-lo em sua magnitude. Dali, a trilha segue em direção a Fairy Falls, uma cachoeira de 60 m de altura, em meio à floresta de pinheiros.

A trilha se fecha e a sensação é de realmente estar inserido no ecossistema do parque, muitas vezes completamente sozinho. Para enfrentar essa trilha, tenha uma mochila preparada com muita água, *snacks*, protetor solar e, nesse caso, é altamente recomendado (quase obrigatório) carregar um spray de pimenta, já que os ursos realmente circulam com facilidade por lá. Vale lembrar que se trata de um lugar selvagem (a casa deles) e, dependendo da época, os animais andam livremente. Impossível negar que, a cada barulho de galho quebrando na mata, por exemplo, o coração dispara, com a iminência de ter um urso nos observando.

A trilha continua por mais cerca de 2 km para dois outros gêiseres, solitários e afastados, em seu estado natural. Uma parada em frente a um visual inóspito, com muitas fotos, para finalmente encontrá-los ali, naquela trilha, que foi como se eu estivesse descobrindo-os pela primeira vez. Nomeados de Imperial e Spray, eles formam uma espécie de córrego colorido e borbulhante, e a trilha é feita à sua beira, caminhando e sentindo o vapor quente que sai do riacho e segue por todo o percurso, mudando de cores a cada quilômetro.

NA GARGANTA DE YELLOWSTONE

Depois dos gêiseres, o *trekking* imperdível (que pode ser feito no mesmo dia, dependendo do objetivo de cada um) é do Grand Canyon de Yellowstone, com mais de 30 km de comprimento e até 366 m de profundidade. O rio, que leva o nome do parque, serpenteia pelas paredes do cânion, em um curso sinuoso, adicionando um toque bem dramático à paisagem e criando a Cachoeira Lower Falls, uma queda de mais de 90 m. São percursos que levam para dentro do cânion de diversas maneiras: a parte alta, a parte baixa e a queda da cachoeira. E, por se tratar de um cânion, os caminhos são bem íngremes e com muitos zigzagues. O trajeto também não possui uma rota única: o fato é que,



Entre a densa população de mamíferos da região, os bisões impressionam e podem ser avistados em enormes rebanhos



para qualquer lado que a trilha nos leve, a beleza de fato emociona, uma sensação potencializada pela força da água e pela imponência do local.

Uma das áreas geotérmicas mais famosas (inclusive onde fica uma das três caldeiras vulcânicas do parque) fica à beira do lago, que, pasme, também leva o mesmo nome: Yellowstone. É uma variedade de recursos geotérmicos, incluindo piscinas termais, fontes borbulhantes e *mud pots* (poças de argila). O que o torna ainda mais interessante é o fato de que parte desse complexo geotérmico esteja situada dentro do próprio lago, criando uma mistura única de atividade vulcânica subaquática e terrestre. Isso significa que lá, além das caminhadas ao redor do lago, vale alugar um caiaque e remar até o West Thumb Geyser Basin para assistir de perto as atividades.

Partir para uma jornada de *trekking* nesse cenário desvenda um mundo vasto e diversificado. A impressão é de que cada passo revela a história esculpida nas formações rochosas, nos lagos e nos rios e nas paisagens que parecem intocadas. Uma experiência para imergir na autenticidade selvagem de um parque tão preservado em sua essência.

Ficam marcados na memória e na história pessoal de cada um que visitou o parque, o privilégio de testemunhar a harmonia entre a vida animal e os fenômenos geotérmicos, além da grandiosidade e delicadeza do ecossistema que é Yellowstone.

O Gêiser Old Faithful em atividade. Na página ao lado, a fachada, um dos terraços e sala com lareira do Four Seasons Jackson Hole



Embora Yellowstone ofereça algumas opções de hospedagem dentro do parque, a proximidade de cidades como Jackson Hole, por exemplo, oferece uma gama de benefícios a ser considerada. Entre as comodidades, além de ter hotéis como Four Seasons, roteiro gastronômico, aeroporto a 20 minutos da cidade, Jackson Hole também é porta de entrada ao vizinho majestoso Grand Teton Park, uma das cadeias montanhosas mais imponentes e encantadoras do país. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

VILLA

BEM-ESTAR

O PARAÍSO LOGO ALI

A 50 minutos de São Paulo fica o Villa Tanah, um refúgio de 10 alqueires de mata nativa, trilhas, cascatas e piscinas naturais, que reconecta o visitante à natureza e à sua essência, num ambiente que inspira, nutre, relaxa e revigora

POR ROSANA HERMANN

TANAH





A viagem de São Paulo a São Roque (SP), onde se localiza o Villa Tanah, dura cerca de uma hora e há duas opções de rota: as Rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares. O percurso, de pouco mais de 60 km, termina no número 135 da Estrada da Fonte. À medida que as pistas se estreitam, a mente se alarga e, ao cruzar os portões do Villa Tanah, percebe-se no ar puro, no imenso lago, na mata exuberante e no som dos pássaros e da água corrente a sua vocação para ser um retiro.

O atendimento é personalizado. Na recepção, a hostess Gleicieli Alves de Souza aguarda e cumprimenta os hóspedes por seus nomes. Também na sede principal ficam a sala de estar, o bar, a cozinha e o grande salão do restaurante, todo de vidro, que comporta ainda uma sala de leitura com lareira. O projeto arquitetônico de Rosana Buonerba e o de interiores de Marcelo Saloum integram de forma orgânica a simplicidade sofisticada dos ambientes à beleza vibrante da paisagem exterior.

Do salão do restaurante, vê-se no jardim uma queda-d'água, ao lado de uma jabuticabeira centenária e uma fonte de água potável, com uma

escada de pedras, que nos chama a um primeiro passeio de reconhecimento, enquanto as malas são levadas para o quarto.

MUDANÇA DE SINTONIA

O caminho é totalmente verde e ladeado por um riacho. Espreguiçadeiras estrategicamente colocadas oferecem um momento de contemplação. Foi ali que me dei conta do quanto estava fora de sintonia com o ambiente. Mente agitada, passo acelerado, respiração curta. Respirei fundo, expirei, fechei os olhos em silêncio e deixei aromas e sons entrarem. Depois de algum tempo, entrei em outro mood. Parece mágica. E é mesmo. Acontece quando deixamos de impor nossa presença à natureza para nos integrarmos a ela.

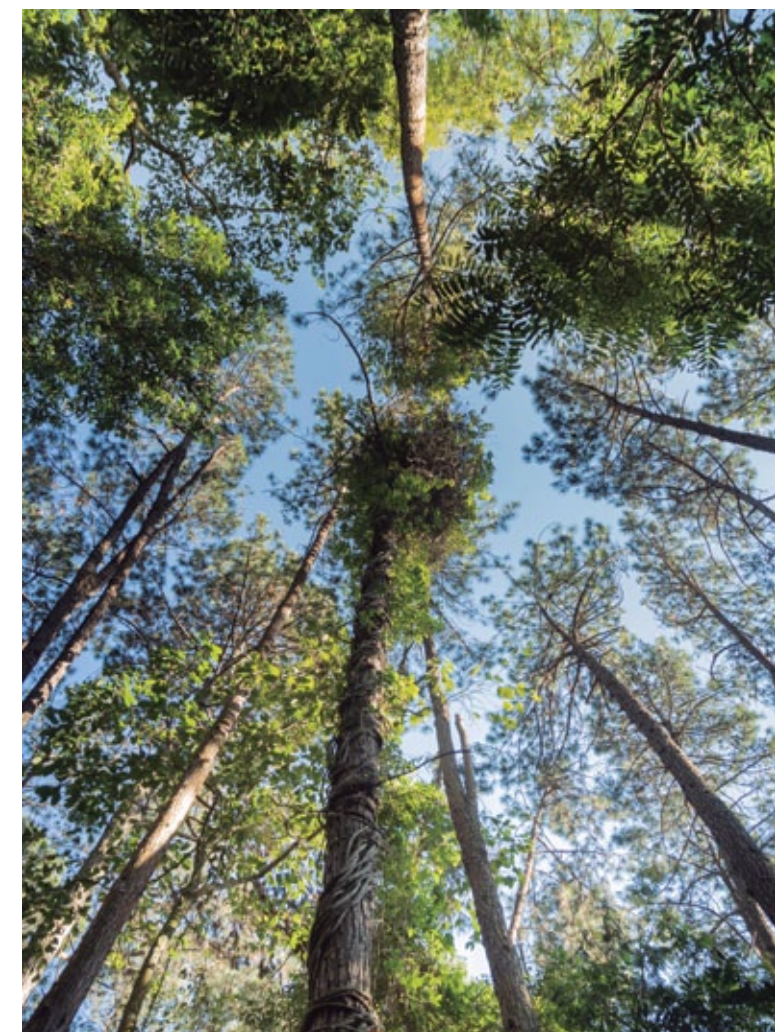
A trilha termina em uma cachoeira, de fácil acesso, para um banho renovador. Nesse mesmo passeio fica a principal mina que abastece a propriedade. A água é tratada, filtrada e servida à mesa em garrafas, exclusivamente para o consumo interno.

O Villa Tanah recebe até 30 hóspedes por vez. Entre chalés e suítes, são 12 unidades, que podem abrigar hóspedes que viajam sozinhos, casais, famílias e eventos para grupos.

A diária inclui as refeições. As habitações e os ambientes internos têm wi-fi gratuito, mas fora



Em sentido horário, fonte do jardim, árvores centenárias da propriedade e Rosana na cachoeira. Na página ao lado, mesa externa do restaurante





Acima, aula de ioga. Ao lado, aperitivo de queijo e frutas da horta do hotel. Na página ao lado, a sala de leitura com lareira e detalhes da decoração das vilas



delas não há conexão. A ideia é se desconectar das telas e dos aparelhos e se reconectar com a natureza. Tudo é cuidadosamente pensado para proporcionar bem-estar ao visitante. Uma porta de correr de madeira maciça permite separar ou integrar o quarto à área de banhos, cujo projeto é surpreendente: o fundo do chalé é de vidro, revelando a mata nativa.

Em cada quarto, uma carta de boas-vindas da proprietária, Adriana Soneghet, conta a história do Villa Tanah. Durante um retiro em Alter do Chão, no Pará, entre banhos em igarapés e noites estreladas, Adriana compreendeu que sua missão seria levar a mesma experiência transformadora que estava vivendo em contato com a natureza para o maior número de pessoas possível.

Em sua busca pelo lugar ideal, encontrou em São Roque a antiga propriedade do escritor e médium Luis Antonio Gasparetto. A partir daí, Adriana viajou o mundo pesquisando todos os itens necessários para proporcionar bem-estar e reconexão com a vida num ambiente sustentável. Na Indonésia, encontrou o nome perfeito: Tanah, que significa “terra” em balinês.

PRAZER À MESA

As três refeições, incluídas nas diárias, são sempre momentos de prazer e alegria. O café da manhã começa com uma mesa de frutas da estação, bolos e pães feitos pela *chef* Rita Santelli e sua equipe, sucos frescos, café, chás e geleias, tudo fresco e natural. Há também um menu à la carte, que inclui ovos caipiras, tapiocas e um surpreendente *tartar* de frutas.

A proposta é de bem-estar e reconexão com a vida num ambiente sustentável



O almoço e o jantar, que podem ser servidos à luz de velas no salão ou na área externa do jardim, têm sempre um cardápio com várias opções. O *chef* Valdir Nunes faz questão de vir à mesa, explicar os pratos, sugerir um vinho ou coletar elogios, enquanto o simpaticíssimo garçom Edvaldo Tadeu Aleixo da Silva, morador da região, nos serve com gentileza e bom humor.

Os pratos são preparados com verduras da horta do Villa Tanah e insumos de produtores locais. Tudo tem um toque autoral. Mesmo os pratos co-

nhecidos, como a salada caprese, são apresentados de forma original.

CICLO DE BEM-ESTAR

As massagens corporais, com uma hora de duração, são feitas em ambientes isolados, com total privacidade, e podem ser contratadas e agendadas no próprio hotel. Há salas individuais e para casais e também uma sauna. A lista de serviços

inclui Massagem Villa Tanah, Liberação Miofascial ou com Dry Needling, Drenagem Linfática. Disponíveis ainda as modalidades Pedras Quentes, Bamberapia e Toalhas Aromáticas.

A programação é facultativa, mas vale a pena ser seguida. Há passeios internos, trilhas, aulas de ioga, num amplo salão de vidro com vista para o lago, meditação guiada e, à noite, conversas agradáveis ao redor da fogueira.

Há também uma caminhada externa (de 6 km) até o Sítio Santo Antônio Casa Grande e Capela, uma



construção colonial do século XVII, que pertenceu ao bandeirante Fernão Paes de Barros. Em 1944, o escritor e intelectual paulistano Mário de Andrade comprou a propriedade para restaurá-la em vida e depois doá-la ao então Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Mário de Andrade faleceu pouco tempo depois de adquiri-la. Hoje, como era seu desejo, o sítio pertence ao Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e é aberto à visitação pública, gratuita e com guias especializados. Um passeio imperdível!

Além da autonomia em relação ao abastecimento de água, toda a energia do Villa Tanah vem de placas solares. As edificações foram feitas sem a extração de nenhuma árvore da mata nativa. As madeiras são de demolição, as tintas, minerais, e as pedras utili-

Acima, o lago do Villa Tanah convida à contemplação e à meditação. Na página ao lado, a piscina do hotel

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



zadas nas construções, locais. As piscinas, aquecidas com energia solar, são mantidas com salinização para não contaminar o meio ambiente com nenhum produto químico e o saneamento é realizado por processos orgânicos.

AO FINAL DO ROTEIRO

Depois de experimentar dias revigorantes e noites bem dormidas, massagens relaxantes, água pura e comida natural da melhor qualidade num ambiente de natureza abundante, o resultado era flagrante. No corpo, a sensação de pés firmes no chão e coluna ereta. A mente aliviada pelos dias de desconexão. O espírito, leve, com notas de felicidade infantil por rever vagalumes iluminando a noite, depois de anos sem encontrá-los. Na partida, um hóspede, igualmente revigorado, comentou com Edvaldo, o garçom, que estava “abandonando o paraíso para voltar à vida normal”. O simpático Edvaldo sorriu e comentou: “Com toda a sinceridade, eu acho que a ‘vida normal’ é justamente o paraíso que o senhor está deixando!”



C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

Fé & Fervo no caminho de Santiago



Ah, a Galícia! Nessa região, de fé fervorosa, o sagrado e o profano andam juntos nas ruelas das cidades, as paisagens são de tirar o fôlego e a noite gay ferve

TEXTO E FOTOS ANDRÉ FISCHER

Se na Idade Média os perigos da travessia eram uma parte integrante das provações, hoje você pode encarnar o peregrino moderno percorrendo o Caminho de Santiago português, começando em Lisboa ou no Porto, mas de carro. Embarquei com dois amigos em um percurso de uma semana, escolhendo meticulosamente caminhadas em locais para a reflexão e a introspecção e condensando em poucos dias uma viagem que oferece o potencial de ser transformadora.

O itinerário foi marcado também pela rica culinária galega. O polvo – servido com batatas em Vigo, espetado com limão em Pontevedra ou gratinado com queijo Tetilla em Ribadavia – esteve sempre presente e harmonizado com encantadores vinhos brancos Albariños. Um prazer adicional para os brasileiros é ouvir e ler o galego, o idioma local, que para nós, brasileiros, é mais fácil de entender que o próprio português de Portugal.

A jornada começou em Vigo, uma cidade moderna de origem romana, onde o antigo se encontra com o novo no Casco Vello, um bairro medieval vibrante, que tem como ponto central a Praça Porta do Sol, cercada de restaurantes e bares.

A noite, como em toda a Espanha, começa bem tarde e o Roy Bleck, o principal clube gay, bomba em plena madrugada de terça-feira. Combarro é uma parada essencial: esse pitoresco vilarejo medieval de pescadores, erguido sobre um rochedo à beira-mar, tem como marco os *hórreos*, tradicionais celeiros de pedra elevados do solo por pilares, próximos do oceano. Na vizinha Cambados, o destaque é a Rúa Real, uma via espaçosa e imponente, ladeada por edifícios que contam séculos de histórias e abrigam ótimos restaurantes.





seu vizinho Tarrasca, e o clubão gay Bloom.

Na última parte da viagem, ficamos em uma charmosa estalagem rural nas margens do Rio Minho, em Laias, próxima de Ribadavia. A antiga sede do reino da Galícia fica dentro de conservadas muralhas do século XI e abriga uma das mais antigas e bem preservadas *juderías* (bairros judeus) da Europa. Finalizamos nas revigorantes Termas de Prexigueiro, frequentadas até tarde da noite por um público mais adulto.

Assim nos despedimos da Galícia, com o coração mais leve, a alma mais rica e a sensação de um banquete dos sentidos na bagagem. 📍

Pontevedra, uma linda cidade, que mergulha numa quietude sonolenta durante a *siesta*, revive com uma energia vibrante quando as ruas se enchem, após as 5 da tarde. Peregrinos e moradores retomam as atividades num ritmo frenético, que observamos da varanda de uma charmosa *sidrería* vizinha da imponente Capela da Virxe Peregrina. Outra atração é o histórico Mercado de Abastos, que aguça os sentidos com seus aromas e cores.

NOITES INFINITAS

A chegada a Santiago de Compostela é o ápice da viagem. A majestosa catedral, um farol espiritual, nos recebeu com um arco-íris tocando suas torres. No interior, o famoso fumeiro balança com seu incenso durante as missas diárias, uma tradição medieval. A cidade vibra com a energia dos peregrinos, oferecendo lindas praças, uma infinidade de restaurantes, lojas de sapatos e meias (como não?) e o tocante Museu do Peregrino.

Quando os sinos anunciam a noite, a *movida* de Santiago ganha vida. Bares e clubes LGBT+ são um agito só, com *rapaces* lindos, superabertos, e pistas lotadas, onde nossa Anitta reina absoluta. Mas atenção: nada acontece antes das 2 da manhã. Os pontos nevrálgicos são o belíssimo café Flor, o alternativo inferninho Corruncho, e

Santiago de Compostela vibra com a energia dos peregrinos e as noites são repletas de bares e restaurantes lotados

Acima, em sentido horário, a basílica no centro de Santiago, o interior do Café Flor e as famosas vieiras galegas. Na página ao lado, o Cânion do Sil, em Ourense, *hórreos* à beira-mar, em Combarro, e a entrada do club Bloom



ENSAIO

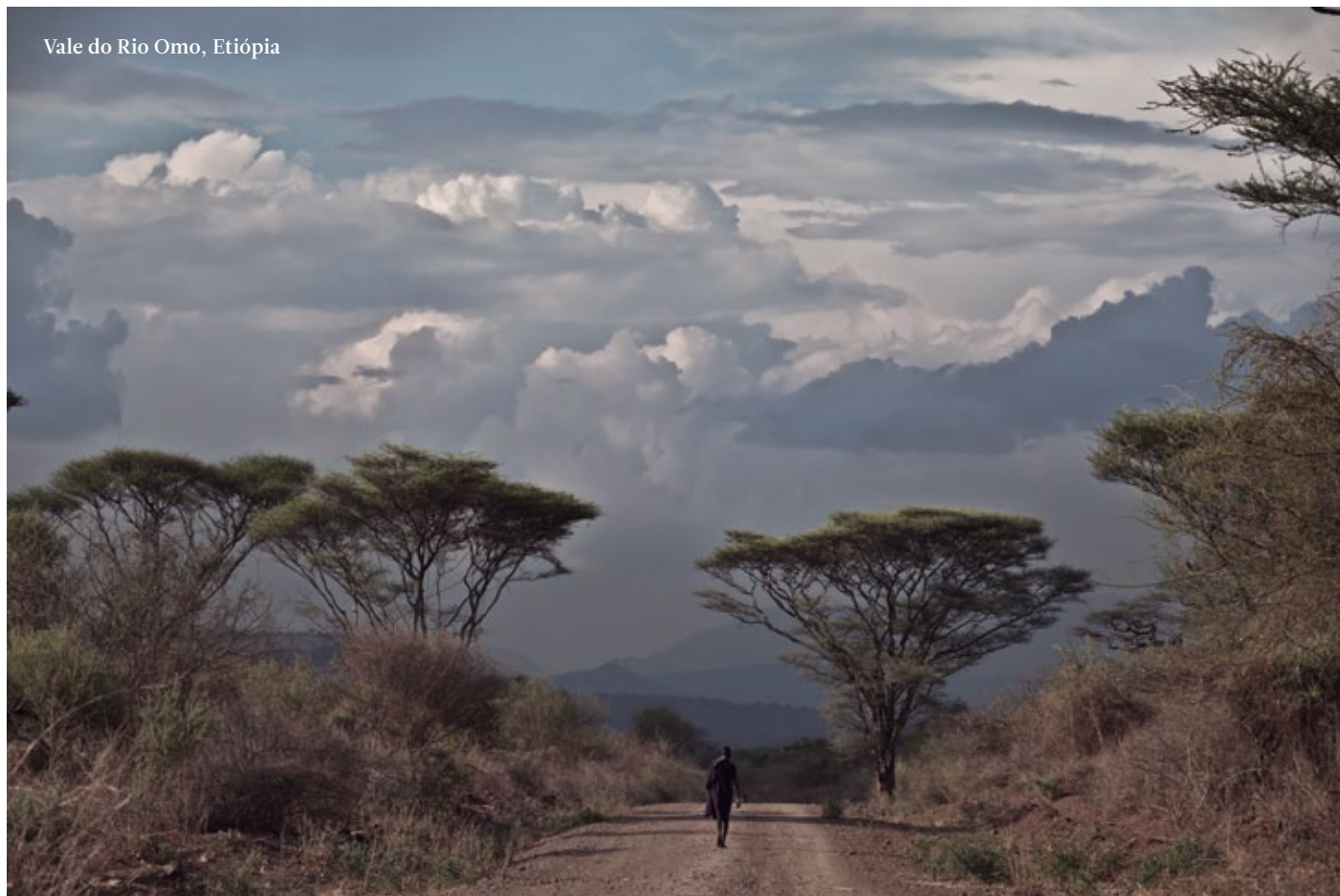
Quando a imagem *transforma* o olhar

Por meio de narrativas fotográficas fortes, Érico Hiller
levanta importantes temas sociais e ecológicos





Mumbai, Índia



Vale do Rio Omo, Etiópia



Lago Poppó, Bolívia





Paraíba, Brasil

De todas as formas de expressão, as artes visuais sempre foram as mais fáceis para Érico Hiller. Quando criança, ele gostava de desenhar e passar horas folheando livros de imagens e de cinema. Embora apaixonado por esses temas, a vida seguiu seu curso e ele acabou trilhando outros caminhos.

Aos 25 anos, trabalhando na área de tecnologia, Érico se viu diante de um dilema: encontrar-se na vida, e com um propósito que realmente alimentasse a sua alma. A guinada veio quando ele descobriu na fotografia a sua verdadeira vocação. “Ao fazer o que eu amo, vi que a fotografia me colocou no trilho certo”, conta ele, que hoje, com 20 anos de carreira, contabiliza um legado importante. “Eu já fotografei moda, vida social, mas no fundo eu sempre soube que o que eu faria de diferente seria por meio da narrativa do documentário fotográfico”, conta.

Sua primeira incursão foi visceral: ele passou um ano fotografando países emergentes da América, Europa, Ásia e África, um trabalho que resultou no livro *Emergentes*, de 2008. “Nele eu entendi que a fotografia de rua é o DNA da fotografia documental”, lembra ele.

Com o lançamento do primeiro livro, ele focou seu olhar nas causas sociais e ecológicas, temas que o movem profissionalmente e como ser humano. “Eu sou uma pessoa comum. Não sou um superativista. Tive até receio de não estar me importando o bastante, mas as minhas preocupações com esses temas afloraram com o que eu via em viagens e os estudos”, diz. Hoje ele considera seu trabalho como um instrumento de impacto social. Além de *Emergentes*, Érico lançou outros seis livros, incluindo os impactantes *Ameaçados – Lugares em Risco no Século XXI* e *A Jornada do Rinoceronte*, sobre a caça do animal em maior risco de extinção do planeta. “O meu interesse central é a sociedade: homens e mulheres tentando encontrar seu espaço no planeta”, resume. O livro *Água*, de 2020, faz um importante alerta sobre a crise hídrica mundial e traz um panorama da luta de diversos povos em busca de água limpa para sobreviver em países como Bangladesh, Bolívia, Jordânia e Quênia.

Ainda em 2024, o fotógrafo pretende lançar o projeto *Da Dignidade ao Desespero*, sobre o gênero, em que irá abordar temas sensíveis, como mutilação genital feminina, violência doméstica e problemas decorrentes de partos, entre outros. 📍

DA TRADIÇÃO À VANGUARDA: A CENA
VEGGIE EM
BER
LIM

Multicultural, a capital alemã reflete sua diversidade em suas cozinhas internacionais, representando praticamente todos os países do mundo com boas opções para quem não come carne

POR LALAI PERSSON



Se há dez anos preferir alimentos baseados em plantas, em vez de carne, era incomum, e encontrá-los em menus de restaurantes, uma tarefa inglória, o cenário mudou muito para o público vegano e vegetariano no cenário gastronômico mundial. E Berlim hoje está no topo de listas das cidades mais amigáveis para pessoas veganas.

Comensais afeitos à alimentação *plant-based* encontram na capital alemã saborosos banquetes voltados para esse tipo de culinária. A riqueza da cozinha baseada em plantas se estende a quase toda a gama de cozinha internacional em Berlim. Já imaginou um restaurante espanhol de tapas totalmente vegano? Pois experimente o Alaska Bar.

Quase todos os restaurantes, cafés, lanchonetes e quiosques têm opções para quem não come carne. Soma-se a isso o fato de uma cidade tão multicultural quanto Berlim

oferecer culinárias de praticamente todos os lugares do planeta.

Foi na cidade, aliás, que surgiu o primeiro restaurante vegano de desperdício zero no mundo. O Frea é uma grata surpresa, carrega a estrela verde *Michelin* e faz jus ao reconhecimento. Lá, nenhum prato substitui a carne, mas todos os ingredientes brilham por si só. Com o lema “não desperdiçar”, há sempre boas surpresas, pois todo alimento é utilizado em sua totalidade. A folha da cenoura, por exemplo, vira um pesto saboroso para acompanhá-la.

O Cookies Cream é um dos pioneiros na alta gastronomia vegetariana em Berlim. Abriu as portas em 2007 e ostenta uma estrela *Michelin* desde 2018. Chegar a ele é uma experiência tão autêntica quanto é sua original cozinha. Deixarei a surpresa para quando chegar lá, mas funciona num antigo *nightclub*.

O *landscape* de Berlim sob o pôr do sol dá uma pista sobre a diversidade da capital alemã





Acima, as tapas veganas do espanhol Alaska Bar e menu que indica as especialidades da casa no mesmo restaurante



SABORES DO MUNDO

Comer em restaurantes sofisticados em Berlim é mais acessível do que nas demais capitais europeias. No entanto, as experiências gastronômicas vegetarianas vão muito além da sofisticação. Começando pelo kebab, o prato de rua mais popular em Berlim – errou se pensou que é o *currywurst* –, que atende bem essa demanda. O Yoyo Foodworld, a lanchonete vegana mais antiga da Alemanha, serve os dois em versão vegana. É pequeno e cheio de fritura, mas delicioso para quando bater o desejo de *fast food*.

Para comer em um lugar mais arrumadinho, eu gosto do Osmans Töchter, um restaurante turco de tapas. Eis um delicioso menu para compartilhar, com opções para vegetarianos e outro com carnes.

O Kanaan é um dos meus restaurantes do Oriente Médio favoritos. O menu é vegetariano, com pratos para dividir, mas também recomendo o menu degustação. O falafel e o húmus são imbatíveis.

Na minha lista de cozinhas do Oriente Médio estão o Yafo, o Night Kitchen, o Café Magrabi e o Barra, esse último para ocasiões especiais. Os dois primeiros são ótimos para ir em grupos maiores, para experimentar todo o menu.

Mercados de rua são comuns e costumam ser lugares bacanas para



A gastronomia *plant-based* encontra em Berlim espaço para se apresentar em diferentes versões e pratica o desperdício zero dos alimentos

Ao lado, ambiente e um dos pratos do premiado FREA, que detém uma estrela verde Michelin



As experiências vegetarianas na cidade vão muito além da sofisticação e transitam por gastronomias de várias partes do mundo



Acima, sanduíche da Yoyo Foodworld, a lanchonete vegana mais antiga da Alemanha. Ao lado, uma das criações do asiático Cat Tuong. Na página ao lado, em sentido horário, o bairro de Kreuzberg, delícias do oriente médio do Kanaan e preparo no turco Osmans Töchter

almoçar. Um dos favoritos da cidade é o mercado turco na Maybachufer, numa rua à beira do Canal de Kreuzberg e uma das opções mais gostosas para comer entre uma comprinha e outra.

Berlim é o paraíso para quem gosta de comida do Sudoeste Asiático, tanto que a minha cozinha do dia a dia é a vietnamita, pela facilidade, pelo bom preço e pela explosão de sabores. A maioria tem um menu em versão vegana, trocando as carnes por tofu, cogumelos e legumes da estação. Os meus favoritos são o Van Hoa, simples, mas que faz as minhas papilas gustativas dançarem, e o Cat Tuong, para uma sinfonia de sabores.

Aprendi a gostar de *noodles* morando em Berlim, e esta é uma escolha perfeita para dias gelados: o The Tree oferece pratos elaborados, deliciosos e bem apimentados. Para o rámen, eu gosto do Buya, mas o Ramen x Ramen é quem esbanja



Os sabores das versões veganas de embutidos, salsichas e especialidades asiáticas surpreendem o paladar



Acima, em sentido horário, ambiente do oriental Oukan, prato do mesmo restaurante e banca do mercado da rua Maybachufer



Acima, em sentido horário, embutidos do açougue vegano Vetzgere, rámen do Ramen x Ramen e salsichas veganas do Vetzgere

na oferta vegetariana, com oito opções do prato nessa versão.

Para um jantar especial, o Oukan oferece um menu servido em tempos com a cozinha inspirada na tradição *shojin ryori* (a comida dos templos budistas japoneses). Dica: opte pela harmonização à base de chás, em vez do vinho.

Para voltar para casa com saudade de Berlim,

recomendo o açougue vegano Vetzgere, em que os embutidos são artesanalmente confeccionados com produtos orgânicos. É surpreendente mesmo para aqueles que jamais imaginaram apreciar uma salsicha ou um salame veganos convincentes.

Caso você não seja vegetariano, mas adoraria experimentar, Berlim é uma ótima cidade para começar. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



AVENTURA

ONDE O MUNDO FAZ MAIS SENTIDO

*Nem a época de chuvas e cheias é capaz de macular
uma viagem ao Zimbábue e à Zâmbia, dois países regidos
pela força da natureza e das águas e pela beleza de alguns
dos sorrisos mais doces do continente africano*

POR FABIO PORCHAT



A primeira coisa que eu ouvia das pessoas quando dizia que estava indo para a Zâmbia e o Zimbábue era uma risada, seguida de uma pergunta: o que que você vai fazer lá? Após nove dias de viagem, o que eu posso responder é: ser feliz. E não há nenhum outro lugar no mundo que me deixe tão em paz quanto essa região da África. Já havia visitado alguns países no continente, mas nunca esses dois. Talvez por serem menos propagandeados do que seus vizinhos Quênia e Tanzânia, mais *roots*, o fato é que eles estavam ali e eu os deixava de lado. Ainda bem que fui.

COM OU SEM CHUVA? ESCOLHA UMA ESTAÇÃO

Cheguei por Victoria Falls, no Zimbábue. Trata-se da segunda maior catarata do mundo e um Patrimônio Mundial da Humanidade, além de ser um importante polo de ecoturismo, sendo também considerada a capital do esporte de aventura da África Meridional. Fiquei três noites no majestoso The Victoria Falls Hotel, um dos primeiros hotéis de luxo da região. Enorme, confortável, com bom restaurante e bar e uma vista deslumbrante das famosas cataratas. Aqui é importante um aparte, que servirá para os dois países: sua viagem será diferente a cada época do ano, portanto faça a sua pesquisa antes para saber qual o melhor momento para ver aquilo que mais interessa. Eu fui em fevereiro. O que isso quer dizer? Que a potência das águas é enorme, por ser a época de chuvas, e, portanto, há uma ótima panorâmica das quedas.

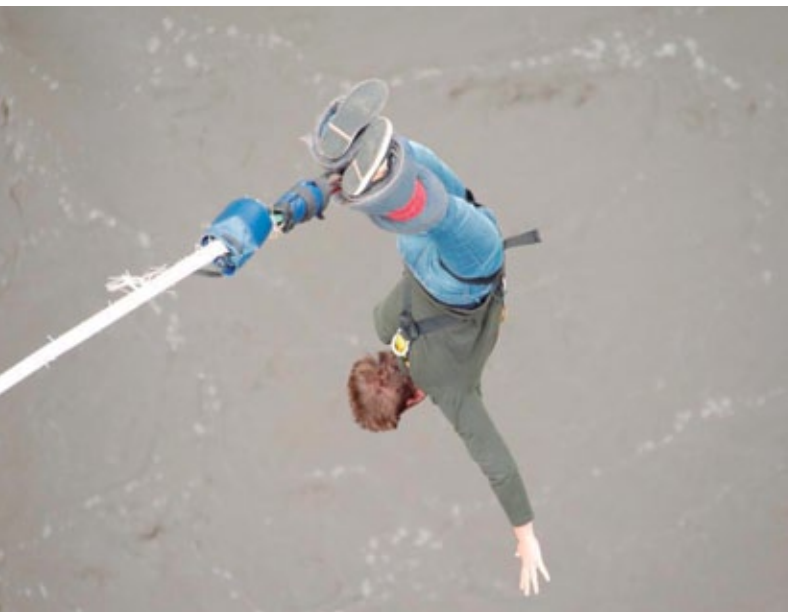
Acima, elefantes transitam pela área do Wilderness Linkwasha Camp. Na página ao lado, passeio de barco pelo Rio Zambezi promovido pelo Wilderness Toka Leya Camp

O passeio de barco pelo Rio Zambezi propicia encontros com hipopótamos e crocodilos

Mas a chuva sempre pode atrapalhar um passeio e quase atrapalhou os meus. Ela ia e voltava o tempo todo, mas pude fazer muitas coisas nesses *gaps*. A primeira de todas? Pulei de *bungee jump* da icônica ponte que liga os dois países. Que experiência! Não só o pulo, mas poder atravessá-la a pé com o Rio Zambezi passando embaixo de você, o spray de água vindo da queda, que forma uma eterna nuvem sobre a paisagem... As águas estavam muito marrons por causa da época (vou falar muito sobre a tal “época” aqui, pois ela realmente faz toda a diferença para a sua viagem).

Em julho, a água é cristalina e, em outubro, é possível caminhar sobre o abismo onde a água despenca, porque é época de seca. Já em abril, é de cheia. Enfim, para cada momento, há uma atividade diferente. Não pude fazer *rafting* porque o nível da água estava muito alto, mas pude participar de um passeio de barco em um pôr do sol dos mais lindos da minha vida.

Falei dos passeios mais radicais (e ainda tem *swing*, *zipline* e afins), mas lá é para você que também gosta de tranquilidade. A caminhada pelo lado zimbabuano é uma beleza. A vista das cataratas (que ficam na Zâmbia) é demais. Fiz o passeio de helicóptero: imperdível. O olhar pelo alto, não só da queda-d’água, mas de todo o rio, das suas curvas, dos desfiladeiros, do Parque Nacional (consegui ver girafas, zebras e



Acima, Porchat em salto de *bungee jump* e, ao lado, debruçado sobre a queda das cataratas. Na página ao lado, hipopótamos no Wilderness Toka Leya Camp



gnus), é mágico. Aliás, o Parque Nacional é colado na cidade, o que faz com que de vez em quando um elefante cruze a rua, ou babuíños subam no seu carro e até impalas se assustem com a sua caminhada.

O Victoria Falls Hotel se funde com a natureza ao redor e possibilita vermos javalis selvagens passando pela sua porta e macacos irem bisbilhotar a sua janela, o que torna tudo ainda mais especial. Uma dica é almoçar no restaurante Lookout Cafe, que tem uma vista linda para a ponte e uma comida muito gostosa. Resolvi ir a pé de lá para o hotel, mas fui aconselhado a tomar um táxi porque um grupo de leões havia sido visto por ali. Sensacional!

Três noites depois, estava na hora de partir para o tão esperado safári. Vou deixar as cataratas de Victoria Falls de lado um pouquinho, mas já, já, eu volto a elas. Você vai entender.

IN THE JUNGLE, THE WILD JUNGLE...

Os voos internos para os *lodges* no meio da savana são feitos em aeronaves pequenas. Para quem gosta de aventura, é um prato cheio. Inclusive sinto que é um dos charmes de uma viagem como essa, principalmente porque do avião é possível avistar vários animais circulando. O pouso é no meio do nada, numa “pista” de terra. O guia está ali para conduzir ao *lodge*, e a verdade é que o seu safári já começou. Até lá, você pode ver todo tipo de vida animal. E aqui eu volto a ressaltar a tal da “melhor época”. A época de chuvas é menos propícia para avistar animais. Como eles têm água por todos os lados, muita água, eles se espalham pelo parque,

ficando em lugares inacessíveis. Tanto que por ali existem cerca de 45 mil elefantes, o segundo país com mais deles no mundo, mas foi difícil conseguir ver um. Se é a sua primeira vez, tudo é mágico, mas, se você já foi para algum outro lugar, é possível perceber a diferença.

Em julho, tudo muda porque os animais se concentram perto dos escassos pontos com água, tanto para beber quanto para se refrescar. Recomendo não ir em época de chuva se você espera um cenário mais povoado de bichos.

De qualquer forma, a savana é sempre surpreendente e vi coisas que nunca tinha visto em nenhum outro lugar. É por isso que sempre vale a pena fazer esse tipo de atividade. Observei um elefante recém-nascido, ainda com o cordão umbilical, e sua mãe cheia de seu sangue nas patas. Vi leões subindo em árvores e se comunicando com leões que estavam prontos para copular. Uma revoada de águias e pássaros, de todos os tipos, comendo cupins voadores. É muito gostoso o nervoso de procurar todos eles.



SAVOIR VIVRE NA SAVANA

Fiquei em um *lodge* excelente: Wilderness Linkwasha Camp. Todo aberto, ou seja, convidativo para os animais e integrado ao ambiente, poucos quartos e grandes, confortáveis, com ar-condicionado e uma ótima vista. Uma piscina deliciosa para um mergulho no meio da tarde sob o sol escaldante da África. Perfeito. Ainda mais com um drinque na mão. Durante a época de seca, os elefantes vêm beber água da piscina. Todo dia, a rotina é: acordar às 5 horas, tomar um café da manhã bem completo (bota completo nisso) e sair para o *game drive*. Às 11, já estamos de volta para um almoço a céu aberto, com visitas esporádicas de avestruzes e antílopes e uma *siesta*. Aí, às 4 da tarde, começa tudo de novo, até as 7, quando o Sol se põe (um adendo: que pôr do sol, que céu, que cores diversas...). Esse também é um ponto alto da estadia. O serviço gentil e impecável do Wilderness Linkwasha Camp é outro destaque. Mas o que encanta mesmo são as práticas sustentáveis aplicadas no dia a dia dos *lodges*: a natureza em primeiro lugar, sempre.

A Wilderness se baseia em três pilares fundamentais em seus projetos de sustentabilidade: capacitação de funcionários e das comunidades locais (para que os recursos da natureza sejam preservados), educação (para melhorar as oportunidades e conscientizar sobre os conceitos de conservação) e a coexistência entre os seres humanos e a vida selvagem.

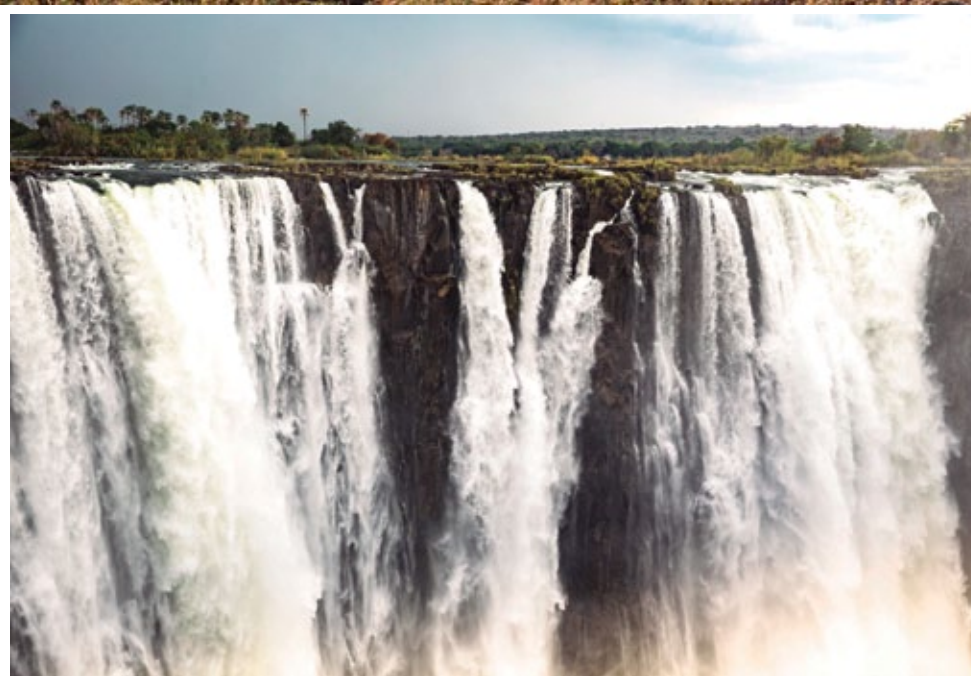
**Zâmbia
e Zimbábue
são destinos
complementares,
por isso é ideal
visitar os dois
países juntos**



Dei sorte porque a chuva parou no dia em que cheguei. Após quatro dias de vida selvagem, eis o momento de ir para Zâmbia. Quero acrescentar que o povo no Zimbábue é muito receptivo: eles amam o Brasil, estão sorrindo o tempo todo, e eu não digo os funcionários dos hotéis apenas, que aliás são DEMAIS, mas em todo lugar eles se mostram animados e interessados em saber quem é você.

OUTRO ÂNGULO

Voltei para a cidade de Victoria Falls para cruzar a fronteira por terra. Caminhei mais uma vez pela ponte e finalmente cheguei à Zâmbia. Fui pensando: o que mais eu posso ver que já não tenha visto no Zimbábue? Então



Acima, uma leoa espreita a caça nos arredores do Wilderness Toka Leya Camp e a magnitude de Victoria Falls. Na página ao lado, a piscina e o interior de uma das tendas do Wilderness Toka Leya Camp

entendi por que é fundamental visitar os dois países juntos (aliás, o visto é conjunto e fácil de tirar pela internet). Eles são complementares. É como se você fosse ao estádio assistir a uma partida e saísse no intervalo porque já viu o pessoal jogar futebol no primeiro tempo. Só que na metade final, a vitória foi de goleada.

Que gente boa a gente da Zâmbia. E que poderoso é o Rio Zambezi antes das quedas-d'água. O Wilderness Toka Leya Camp é um sonho. Na margem

do rio, embrenhado no mato e com quartos muitos completos e integrados às águas. Agora era a hora de ver as cataratas por outro ângulo. E o Zimbábue que me desculpe, mas que delícia! O lado zambiano é mais divertido, pois você se molha, sente a cachoeira a seus pés e vivencia a experiência de forma mais intensa. E é possível se banhar no rio. Quando eu digo se banhar, eu quero dizer ficar debruçado em queda absoluta, apenas sendo segurado pelos pés pelo guia. Foi a experiência mais radical que vivi. E olha que já pulei de paraquedas e nadei com tubarões-brancos. A sensação de estar com meio corpo para fora do abismo é indescritível. A água, em temperatura perfeita, passando pelo seu corpo rapidamente e estourando lá para baixo é insana. Um mês depois, o rio estaria com sua capacidade máxima e não seria possível fazer essa loucura. As famosas Devil's Pool e Angel's Pool não puderam ser usadas por causa da cheia. Perceba como a melhor época é bem relativa.

O passeio de barco pelo rio pode ser feito pelos dois lados. O Wilderness Toka Leya Camp providencia isso dentro do programa. Há uma lancha que sai em busca de crocodilos e hipopótamos. E barcos grandes, luxuosos e imponentes, que fazem o passeio, mas não se embrenham pelos braços do



Nesta página, a piscina, a elegância do restaurante e uma manada de búfalos no Wilderness Linkwasha



rio à procura dos animais. Recomendo a lancha. Com ela, vivi outro momento: um hipopótamo tentou derrubar o barco com uma cabeçada por baixo dele. Que coisa maravilhosa! Mais um pôr do sol regado a muito vinho sul-africano e mais um dia inesquecível.

O lodge está dentro de um parque nacional que abriga o único grupo de rinocerontes-brancos do país. Como se não bastasse ver mais girafas, elefantes e antílopes, é possível sair do jipe e fazer uma caminhada para ver à distância de 5 m os rinocerontes. Impressionante. Os rangers, treinados e profundos conhecedores da região, cuidam para que não corramos nenhum tipo de risco e a cada segundo eu repetia para mim mesmo: que loucura! Foram três dias na Zâmbia, que pareceram um mês de tanta atividade marcante.

Tenho certeza de que ainda há mais coisas para ver e fazer nesses lugares. Há outros parques nacionais bastante movimentados em ambos os países. Já quero voltar. Não em fevereiro, mas quero. Na verdade, preciso. Só ali o mundo parece fazer sentido. Só ali entendemos que o ser humano é só mais um animal, como outro qualquer nessa bolota chamada Terra. 📍



A fachada e os jardins do Victoria Falls Hotel com vista para a catarata e a ponte que liga Zimbábue a Zâmbia



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



Aliança com a natureza

Conversamos com o empresário Gonçalo Alves, a mente por trás do hotel Areias do Seixo, um refúgio único de sustentabilidade na Costa de Prata, em Portugal: “Enquanto nosso impacto não for igual a zero, haverá trabalho a fazer”

POR LUCIANA LANCELLOTTI



Em 2008, quando as marés turbulentas da recessão global balançavam o equilíbrio econômico de Portugal, o empresário Gonçalo Alves navegou na direção oposta ao caos. Naquele ano, ele ergueu os primeiros pilares de um hotel sustentável em Torres Vedras, na costa oeste do país, a uma hora de carro da capital, Lisboa.

O ato inaugural dessa grande empreitada aconteceu no terreno de uma antiga fazenda, cercado por bosques e dunas, onde foi plantado um simples morango, em uma horta embrionária de permacultura — sistema agrícola progressivo que ecoa os padrões e ritmos da natureza. Assim, teve início a gestação do Areias do Seixo, que viria a nascer em 2010, ganhando notoriedade imediata. Recomendado pelas principais publicações de viagem do mundo, o hotel alia iniciativas sustentáveis e charme discreto em um cenário de sonho. “Nossa experiência nos ensinou que a natureza é sábia e que menos é mais”, diz Gonçalo. “Quanto menos mexemos com ela, mais ela nos oferece.”

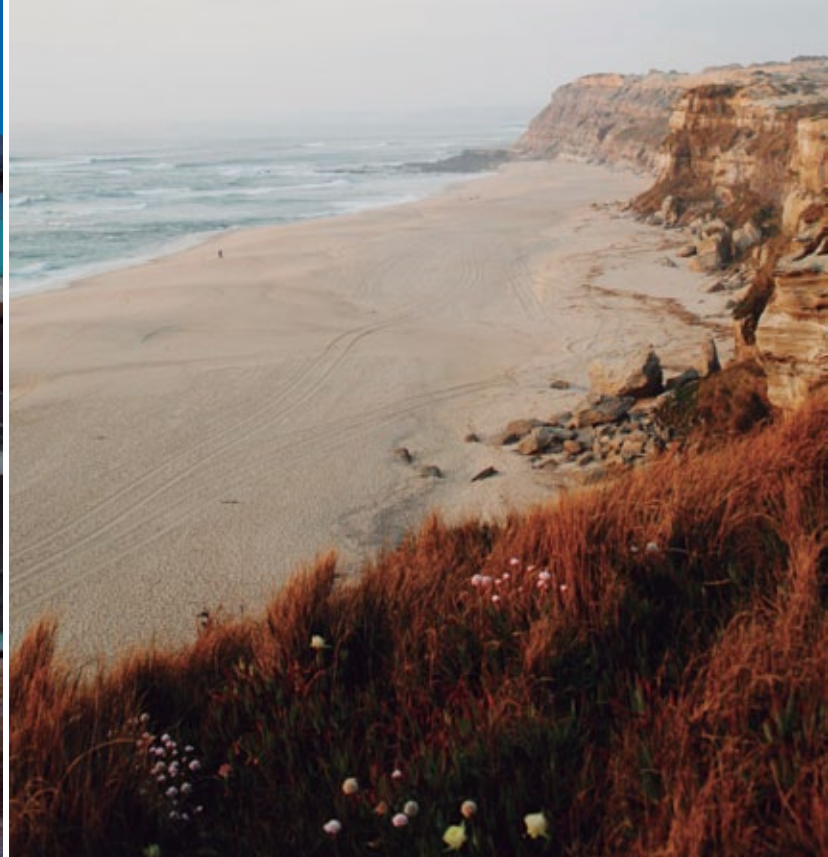
Esse diálogo respeitoso com o meio ambiente ajudou a moldar cada aspecto do lugar. Da arquitetura, que faz o hotel parecer brotar da terra, ao menu do restaurante, com pratos à base de ingredientes da própria horta e produtos regionais. E toda chuva é bem-vinda — suas águas são religiosamente preservadas para a irrigação dos jardins e também para fornecer recursos hídricos aos banheiros. Hoje, com 15 quartos, 23 villas para

alugar, spa e uma série de comodidades baseadas em iniciativas ecologicamente conscientes, o Areias do Seixo é um farol de eficiência energética, alavancado pela utilização de recursos naturais e ênfase em fontes renováveis, como a energia geotérmica e a solar.

Em entrevista exclusiva para a UNQUIET, o hoteleiro, que está também à frente do projeto irmão do Areias do Seixo, a Noah Surf House, a cerca de cinco minutos de carro dali, compartilha alguns de seus desafios e comenta sobre o compromisso inflexível com a preservação ambiental. A íntegra da conversa está no nosso site revistaunquiet.com.br

UNQUIET _ O que diferencia o Areias do Seixo de outros hotéis de luxo sustentável, dada a grande concorrência no setor?

Gonçalo Alves: Costumamos deixar essa resposta a quem nos visita. *(risos)* Mas não querendo fugir à pergunta... Estamos numa localização única e procuramos criar uma experiência diferenciada. Sentem-se várias inspirações e ambientes. Índia, Marrocos, savana africana, espaços românticos, outros rústicos, outros sofisticados. Gostamos de partilhar o ideal de acolher, nesta grande casa, pessoas de todos os cantos do mundo que desejam romper com a agitação do dia a dia. Aqui elas respiram natureza e redescobrem coisas simples, despertando a consciência ambiental, dando asas à originalidade e à criatividade e partilhando emoções e sensações.



Falando em criatividade, como surgem iniciativas sustentáveis tão diversificadas, como adotar guardanapos compostáveis no restaurante e cascas de laranja desidratadas para acenderlareiras?

Nós viajamos muito, conhecemos outras realidades, lemos, procuramos, criamos. Acima de tudo, estamos atentos ao que nos rodeia e comprometidos em encontrar soluções mais sustentáveis para as nossas necessidades. Mas nem sempre dá certo. Às vezes, soluções que funcionam em outros lugares não se adequam à nossa realidade. Como em qualquer outra área, só inovamos se errarmos e voltarmos a tentar. É assim que surgem as melhores ideias e soluções.

Foi assim também ao implantar um hotel de luxo sustentável em plena crise econômica?

Foram muitos desafios. Não havia grandes referências nacionais para nos guiar, comprovando se nosso caminho era o mais acertado. Valeram, sobretudo, nossa intuição e a

confiança que nossos parceiros depositaram em nós. Outro desafio que nos acompanha desde o início é garantir a diversidade e a criatividade por força da ligação do nosso restaurante com a nossa horta.

Essa diversidade também abrange materiais utilizados na construção e na decoração do hotel. Quais você destacaria?

Os materiais e a decoração personalizam e tornam este hotel único. O projeto de Vasco Vieira, com decoração de Rosário Gabriel e Isabel Schedel, considerou a intervenção em harmonia com a natureza do entorno. Predominam matérias como a pedra regional (o seixo), o vidro e a madeira. As oliveiras, paus de madeira colocados em forma de labirintos e papiros resultam numa mistura perfeita entre os espaços internos e externos.

Você tem observado entre os hóspedes o aumento da consciência ecológica como um fator decisivo na escolha do hotel?

Sem dúvida. Os consumidores

estão cada vez mais exigentes e procuram bens e serviços com os quais se identificam. A maior parte de nossos hóspedes busca serviços de alto valor agregado que ao mesmo tempo respeitem o planeta. Eles se preocupam em usufruir de bens em serviço sem esgotar os recursos naturais de forma irracional e insustentável.

De que forma o hotel envolve os hóspedes em práticas ecoamigáveis durante a estadia?

Nós acreditamos que, assim que entra no Areias do Seixo Hotel, o hóspede começa a se sentir sensibilizado. Muitos têm realidades cosmopolitas, distantes do contato com a natureza, o que nos faz perceber a importância desse lugar e de tudo o que podem aprender, por exemplo, numa visita aparentemente simples à nossa floresta comestível. Eu destacaria iniciativas como o passeio à Descoberta da Horta, quando nossa equipe de agricultores os sensibiliza para a permacultura e a agricultura sintrópica. Da Terra ao Prato é

Acima, todo o charme rústico do Abrigo do Lago, o chamado *shelter* do Areias do Seixo. Na página ao lado, vista externa de uma das *townhouses* e uma das praias da região

outra experiência que eles adoram, com visita à horta e degustação de um prato preparado por hóspedes em conjunto com os nossos *chefs* residentes.

Em relação à comunidade, de que forma o hotel promove a sustentabilidade na região?

Temos uma relação privilegiada com a comunidade: 90% da nossa equipe reside em Torres Vedras. Colaboramos ativamente com entidades públicas, da economia social e educativas em projetos de desenvolvimento local, bem como agentes econômicos que nos ajudam a garantir uma experiência diferenciadora aos nossos hóspedes fora do hotel. Também apoiamos eventos que promovem as ondas de Santa Cruz e iniciativas solidárias em torno do surfe e outros esportes aquáticos por meio da associação local, a Sealand Santa Cruz, ou do evento SoftBoard Heroes.

Hoje, 14 anos após a inauguração, como o hotel avalia o próprio impacto ambiental e quais as estratégias para reduzi-lo ainda mais?

Enquanto nosso impacto não for igual a zero, haverá trabalho por fazer. O ano de 2024 é um marco importante. Decidimos olhar mais holisticamente para dentro

do nosso projeto hoteleiro para aumentar o nosso potencial. Um dos desafios é reduzir em 90% as necessidades hídricas para a irrigação nos próximos 24 meses. Ou seja, uma redução drástica no consumo de água para a irrigação. Nesse período, vamos redesenhar a paisagem em torno de espécies nativas sinérgicas, integrando de forma sublime o ambiente da reserva ecológica nacional, onde o projeto está inserido.

Não só nessa reserva, como também em Portugal, como você observa a reverberação atual de sua iniciativa de 14 anos atrás?

Ficamos felizes ao observar outros projetos hoteleiros integrarem a sustentabilidade em sua estratégia. É sempre um prazer dividir nossa experiência. Aprendemos com eles também. A sustentabilidade é, antes de tudo, um processo construído diariamente, e só possível em uma lógica de cooperação e ajuda mútuas. Nosso caminho já é longo, e a cada ano damos passos em direção à nossa missão de sustentabilidade, mesmo sabendo que ainda estamos longe do objetivo final. Acreditamos que o mais relevante para quem se propõe a trilhar esse caminho não é o destino, mas a jornada. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Como nascem os viajantes

O prazer de percorrer o mundo – e também descobri-lo – pelos olhos de uma criança

POR ASTRID FONTENELLE ILUSTRAÇÃO HUGO ALBERTO

Quando nasceu meu Gabriel, eu estava certa de que o que eu queria dar a ele era o mundo! Sabe essas boas intenções, de deixar o dinheiro para os estudos? Ou um apartamento? Então... Eu queria investir bem antes. Em viagens. Ser um cidadão do mundo era o que eu projetava para ele. Até seu nome foi escolhido com o propósito de ser facilmente reconhecido em várias línguas.

A decoração do quarto já tinha um mapa-múndi, que fui trocando a cada ciclo de idade. Hoje ele tem que ir marcando no mapa cada país visitado.

A primeira viagem internacional aconteceu aos 10 meses de idade. Muitos me perguntavam por que viajar com um bebê. Por que não? Viajar com crianças nos tira da zona de conforto, aproxima a família e, principalmente, treina o olhar para o diferente. Sem contar que tenho certeza de que a experiência desde tão pequeno fez dele uma criança muito bem-comportada em aviões. Para a primeira viagem, escolhi Portugal. Queria agradecer à Nossa Senhora de Fátima pela graça alcançada. A foto dele ao lado da estátua do Fernando Pessoa, em Lisboa, dá a pinta de que ambos estão bem à vontade. Juro. E a minha felicidade em apresentar ele para Nossa Senhora? E os olhinhos brilhantes diante dos muitos peixes do Aquário de Lisboa?

Essa viagem foi a abertura de um portal. Tudo deu certo e o pequeno Gabriel ganhou com louvor seu primeiro carimbo em um passaporte.

E assim seguimos explorando esse mundão fantástico. Estava ligado o botão das descobertas, dos novos sabores, das diferentes caras, línguas, bichos e tudo mais. Hoje ele tem 15 anos e conhecemos juntos 19 países e algumas cidades com direito a repeteco. E ele vai cada vez mais rapidamente se tornando local, trazendo na bagagem muito mais do que *souvenirs*. Do Egito, trouxe a descoberta de uma civilização negra cheia de reis e rainhas. Do Japão, a paixão pela culinária. Do Havaí, as praias sem hora para sair e a potência dos vulcões em atividade.

E a infinidade de museus? Dica: para facilitar, sempre procuramos guias que falem português. Em Paris, fomos certos, pois nossa guia era especializada em fazer *tours* pelo Louvre com crianças. Eu amei. Dica 2: visite qualquer museu à tarde, porque estão bem mais vazios.

Bom, este não é um texto de dicas. O que eu quero é dividir a experiência prazerosa de viajar com os filhos, se possível desde bem pequenos. Viajar com espaço na mente (mais do que na bagagem) para viver esse vasto mundo e despertar o prazer de conviver com as diferenças culturais, sociais, religiosas.

Você já está pensando na sua próxima viagem? Nós estamos! 📍



Inspiradores



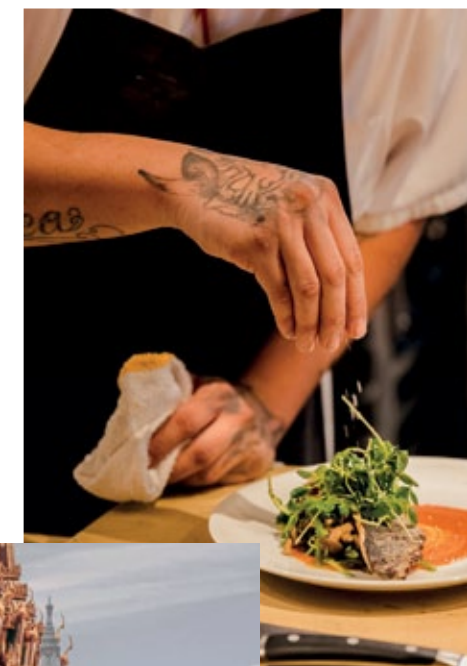
NELLIE BLY (1864-1922)

Mulheres à frente de seu tempo fizeram história. É a elas que devemos muitas das conquistas feministas nas mais variadas áreas. Nas searas do jornalismo e da aventura, um nome ecoa triunfante e se mantém um ícone mais de um século depois: Nellie Bly (nascida Elizabeth Conchran Seaman) contestou preconceitos, derrubou barreiras e venceu.

Aos 25 anos, já com uma consagrada carreira no jornalismo investigativo no jornal *New York World* – outro feito raro para mulheres à época –, a jovem aventureira decidiu se lançar em um desafio que mudaria sua vida e a história ao partir para uma volta ao mundo que, até então, só fora vista na ficção. Sim, Nellie se propôs a superar o tempo de viagem do personagem Phileas Fogg, de *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, de Julio Verne, e realizar a travessia em tempo recorde.

Com uma pequena mala de mão, contendo apenas pertences de primeira necessidade (e mais uma vez derrubando a ideia de que as mulheres precisavam de grandes bagagens para viajar), a jovem norte-americana partiu do porto de Hoboken, em Nova Jersey, a bordo do vapor *Augusta Victoria* para a primeira fase da viagem, até desembarcar na Inglaterra. De lá, ela seguiu para a França, depois Itália, Egito, cruzou o Mar Vermelho até Aden (o atual Iêmen), seguiu para Colombo (atual Sri Lanka), Cingapura, Hong Kong e Japão, de onde iniciou seu retorno ao ponto de partida, seguindo de navio para São Francisco e, de trem, de volta a Nova York.

Superando expectativas de sua própria meta, cumpriu o roteiro em 72 dias, seis horas e 41 minutos. Ao desembarcar, foi ovacionada por uma multidão que havia acompanhado seus relatos de viagem nas páginas do *New York World*, fazendo de Nellie uma celebridade e uma heroína que povoou o inconsciente feminino de toda uma geração. Além de provar sua bravura e seu talento, ela confirmou que o gênero nada tinha a ver com coragem e ousadia, colocando o jornalismo feminino no mesmo patamar do masculino. 📍



Mude seu olhar.
Abra seus caminhos.

Viagens singulares que despertam
para novos universos.

Goya by Copastur,
uma agência Virtuoso.





TUDOR



#BORN TODARE

O que motiva alguém a alcançar o extraordinário? Encarar o desconhecido, aventurar-se pelo incerto e arriscar tudo? Esse é o espírito que deu origem à TUDOR, um espírito presente em cada homem e mulher que usa este relógio. Sem ele, não haveria história, lenda ou vitória. Esse é o espírito que motiva a **equipe TUDOR Pro Cycling** todos os dias. É o espírito que está incorporado em cada relógio TUDOR. Alguns nascem para seguir. Outros nascem para ousar.



BLACK BAY CHRONO